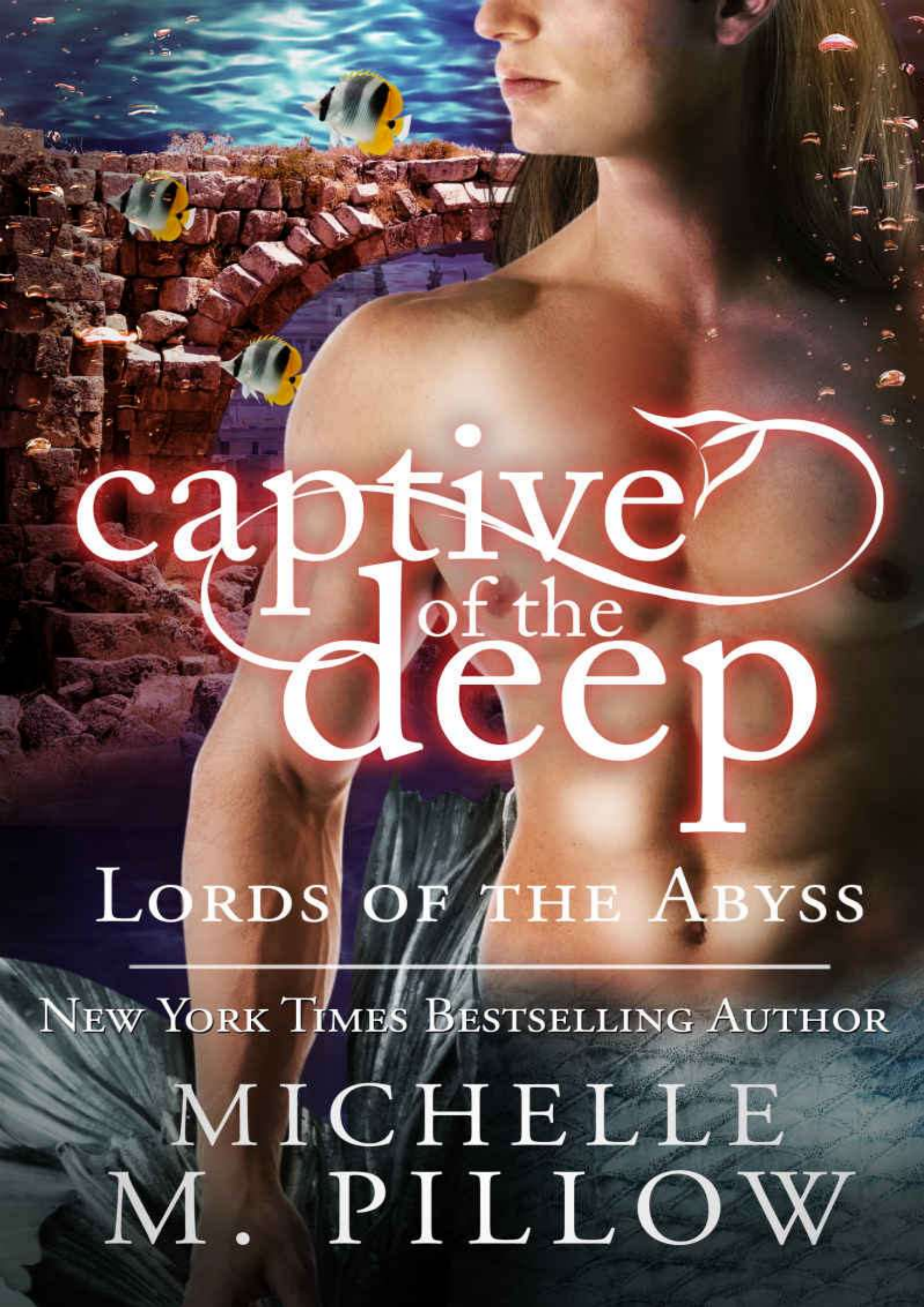




captive of the deep

LORDS OF THE ABYSS

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

MICHELLE
M. PILLOW





A tradução desta obra foi efetuada pelo Grupo Rhealeza Traduções {GRT}, de forma a levar ao leitor, acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária. O grupo RHEALEZA tem como objetivo a tradução e disponibilização parcial de livros sem previsão de publicação no Brasil, sem portanto, qualquer obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado dos membros do grupo e que jamais deverá ser compartilhado em quaisquer rede social (Facebook, grupos, blogs, sites) ou ainda, quaisquer outros de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo Rhealeza de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.





Rhealeza **TRADUÇÕES** *Presents*

Staff

TRADUÇÃO: KYTZIA

REVISÃO INICIAL: MÉTIS / DIANA

REVISÃO FINAL: HERA

LEITURA FINAL: AURORA / SELENE

FORMATAÇÃO: CIBELE

Grupo Rhealeza Traduções

04/2016



Captive of the Deep

Série Lords of the Abyss #3-

Michelle M. Pillow

Sinopse

O tritão Rigel, o Caçador, orou para pôr um fim à maldição do seu povo. A imortalidade veio com um alto preço – a solidão. Quando uma bela mulher humana, Lyra Harne, é jogada no oceano, seu destino está em suas mãos. Incapaz de negá-la, ele a salva, mas a que custo? Vivendo na cidade perdida de Atlantis, as mulheres são raras, e essa mortal sexy é mais do que este guerreiro pode resistir.

A beleza que Rigel salva é um presente dos deuses? Ou apenas outra parte de sua maldição? Tentação e desejo não são páreos para o destino, e a verdade do naufrágio de Lyra poderia ser muito para este caso subaquático.



Capítulo Um

Lyra odiava o oceano. Odiava o cheiro de peixe, o sabor do sal na

língua, o cheiro salino no ar quando as ondas batiam contra o navio de madeira. Ela odiava o rangido do casco e o balanço sem fim, para frente e para trás, para frente e para trás, para frente e para trás. Segurando sua mão sobre sua boca, ela tentou não vomitar. Era um exercício completo de inutilidade. Seu estômago bateu na grade quando ela vomitou.

O ritmo rápido do navio de madeira contra as ondas enviou salpicos de água ao seu lado. Lyra estava encharcada, mas não se atreveu a se mover enquanto segurava o corrimão. Seu coração batia forte e, por um momento, era só ela, o corrimão e o longo trecho de oceano iluminado pela lua, e o balanço interminável de um lado para outro, de um lado para o outro...

—Apenas me mate agora. —Ela gemeu para ninguém em particular, quando fez sua limpeza bucal. O gosto da hortelã se tornara tão familiar quanto o cheiro de sal.

As poucas pessoas que ocupavam o convés estavam acostumadas a vê-la curvada na miséria. Tinha sido assim durante os últimos dois meses enquanto eles navegavam da Espanha para as Américas. A única razão pela qual ela estava nesse navio, era que seus irmãos e seu pai precisavam de sua ajuda. Um homem muito rico pagou muito dinheiro pela experiência de navegar com a família. Seu pai, capitão Bill Harne, era o melhor dos melhores. Foi dito que ele poderia navegar através de um furacão e sair sorrindo. Seu irmão mais velho, Will, nasceu para o oceano, e provavelmente passou mais de sua vida no mar do que na terra. Os outros, Jackson, Kristopher, Rocky e Winston, tinham diferentes níveis de experiência, mas todos eram nadadores fortes e dedicados a viver no mar. E então restava Lyra, a filha da família, mimada por sua mãe e mantida em terra enquanto seus irmãos desafiavam os cantos da Terra. Sua mãe estava desesperada por ter algo além de um marinheiro na família. Ela acabou com Lyra, que não era grande coisa.



—Mamãe teria rido vendo-a agora. —Brincou Jackson. —Ela teria dito que era bem feito para você por ter concordado com esta viagem.

—O enjoo ou esse vestido horrível? —Ela olhou para baixo, para o que só poderia ser descrito como uma meretriz indo para o mar. Pelo menos seus irmãos pareciam como homens respeitáveis do século XV. Era tudo parte do negócio com o chefe rico. Ele queria a experiência da armada espanhola. Aparentemente, o cara era tataraneto de, sei lá o nome, uma importante pessoa da história da Espanha. A verdade era, sempre que o homem falava sobre isso, a mente de Lyra nublava e ela parava de prestar atenção. —Agora que você mencionou, esse vestido parece um pouco menos volumoso. —Jackson olhou para a saia.

—Eu joguei as anáguas ao mar. —Lyra sorriu de seu desconforto físico. —Tente usar um espartilho e vinte quilos de tecido em uma armadilha mortal. Eu ainda digo que deveria ser capaz de me vestir como um rapaz. Eu daria qualquer coisa por uma camisa de linho e bermudas neste momento.

—Não depende de mim. —Jackson disse, batendo as almofadas em seus braços. Ele usava um lenço de linho à moda antiga em torno do pescoço, uma ombreira bordada, acolchoada, meias curtas e short largo, muito parecido com o que era usado na velha armada dos Galeões. —Não é assim que eu teria gasto minha fortuna. —Ele a olhou com curiosidade zombeteira. —Como é que você saiu dos mesmos genes que o resto de nós?

—Acho que os genes da família tinham secado, e eu meio que engatinhei. —Ela deu uma risada irônica.

—Você sabe, você poderia ter dito não para a viagem.

—Vocês todos me imploraram para vir. Eu sou a única de vocês que fala espanhol. —Ela deu a ele um olhar tímido, não se sentindo melhor, mas definitivamente feliz por ter o estômago vazio.

—Suponho que é melhor para você aqui do que ficar sozinha em casa. Mamãe não queria que você se fechasse.

—Eu não sou fechada. Meu trabalho é on-line. Eu fico em casa e trabalho. —Fazia três anos que a mãe dela morreu, e Lyra ainda sentia falta dela. Não querendo falar sobre isso, ela disse: —Conte-me uma história. Distraia-me.

—Eu já lhe contei sobre o tempo em que ancoramos em Antuérpia?
—Jackson sorriu. Sua aparência foi a ruína de muitos corações jovens, mas seu coração nunca foi roubado. Cabelo tão negro quanto à meia-noite, e olhos que cintilavam como estrelas. Era Jackson. E Kris. E Will. E Rocky. E Winston. Heck, até mesmo seu pai. Lyra pegou de sua mãe o cabelo loiro escuro até a cintura e olhos verdes. Agora seus cabelos estavam presos em sua nuca para mantê-lo fora de seu rosto.

—Sim. —Lyra respondeu. —Você contou.

—East London Harbor, na África do Sul?

—Sim.

—Robben Island no Cabo Ocidental?

—Sim.

—Hong Kong? Roterdã? Pohang?

—Sim, sim e, por favor, mais uma vez sim. —Lyra riu, cobrindo as orelhas, enquanto seu irmão a distraía de seu enjoo com sucesso.

—Você não tem histórias que não são sobre você e alguma senhora que você conheceu no porto?

—Claro, mas essas não são boas. —Jackson fez sinal para que ela o seguisse. —Você melhorou? Nós devemos ir. O capitão precisa que você traduza.

—Cara, espero não ter mais nada. —Murmurou ela agarrando o estômago. —Quanto tempo até que isso acabe?

—Menos de um mês. —Jackson respondeu. —E cerca de duas horas a menos do que a última vez que você perguntou...

Ele nunca terminou a frase. O barco lançou para o lado com um estalido. Lyra gritou quando seus braços se agitaram no ar. Ela podia ver a expressão de Jackson se encher de pânico e preocupação, enquanto ele a alcançava. Sua mão perdeu seu braço, e ela voou para dentro da grade com um baque, machucando-a. Suas costelas latejavam em agonia. Automaticamente, ela agarrou a primeira coisa que pôde encontrar - um longo poste de madeira debaixo do trilho - e manteve-se pela sua vida

querida enquanto o barco se lançava na outra direção. Suas pernas estavam enroladas nas saias enquanto deslizava sobre o convés.

Os segundos seguintes foram os mais horríveis da sua vida. Os homens emergiram do convés inferior apenas para serem jogados, enquanto o navio colidia repetidas vezes. Ela não podia ajudá-los, embora ela tentasse parar alguns quando passavam por suas pernas, mas mal conseguia segurar a si mesma. Jackson foi jogado tentando alcançá-la, capturado por uma corrente de água sobre o convés. Lyra gritou repetidas vezes, implorando e suplicando, exigindo que, o que quer que estivesse acontecendo, parasse. Mas, no final, não adiantava.

—Monstros. —Um homem gritou em inglês ruim. —Eles vêm de baixo!



Rigel, o Guerreiro, ignorou a tensão em seu estômago enquanto nadava lentamente sob a superfície do oceano. Seu instinto lhe dizia que estavam perto de sua presa, e com o fim de cada caça vinha um resultado agri-doce – eles pegariam a scylla¹ que eles buscavam. Sim, eles precisavam caçar as criaturas. Eles não poderiam deixá-las vagarem livres para que aterrorizassem os seres humanos do mundo da superfície, matando-os por naufrágio de seus navios. Mas pegá-las, significava que a scylla morreria apesar dos esforços do Merr para mantê-las vivas.

Vendo o flash revelador de barbatanas negras prateadas na água ao lado dele, Rigel estreitou os olhos e ouviu a água. Essa não era a criatura que ele caçava. Era um de seus irmãos.

—*Aquí!* —Disse ele dirigindo seus pensamentos, usando sua ligação mental. Todos os Merr podiam se comunicar por telepatia na água.

Havia doze caçadores Merr no total, divididos em quatro equipes de três. Ele fazia parte de uma equipe conhecida como guerreiros. Os outros

¹ **Cila** (em grego: *Skýlla*), na mitologia grega, conforme Homero e Ovídio, era uma bela ninfa que se transformou em um monstro marinho.

dois, Demon e Brutus, eram seus irmãos gêmeos. Rigel, embora fosse tecnicamente o mais novo, era o líder – não que a idade realmente importasse depois de uma quase eternidade de vida. Não era como nos seus dias como mortais, quando a idade realmente influenciava na posição ou posto. Depois de centenas de anos, eles eram praticamente os mesmos, e só se apegaram à memória de tais coisas por hábito.

Além de sua equipe havia os Caçadores: Iason, Caderyn e Solon. Eles também estavam na água, nas proximidades, se os sentidos de formigamento de Rigel estivessem corretos. Os Cavaleiros liderados por Caim, e os soldados liderados por Hrafn, estavam fazendo uma pausa muito necessária da caça, enquanto as outras duas equipes assumiam suas funções.

Como líder, ele levava um frasco ao redor do pescoço, cheio com um líquido que paralisaria a scylla para que eles pudessem pegá-la. O líquido era a única maneira para deter a criatura. Infelizmente, se derramado, poderia paralisar o Merr também. Levá-lo era um trabalho que exigia muita concentração, e ele tinha a palavra final quando se tratava de capturar a scylla, porque era ele que precisava estar em posição.

Balançando a cauda, Rigel navegou pelas águas escuras para subir mais alto. Suas guelras flutuavam contra seu pescoço, filtrando a água para poder respirar. Finos fios de luar dançavam acima dele, brilhando para baixo no profundo abismo. Ele sentia falta da lua, das estrelas, do sol e da terra humana. Infelizmente, ele não conseguia romper a superfície para ver a lua, e tinha que se contentar em vê-la dobrar e esticar com a corrente. Uma das únicas coisas que poderiam matar o Merr era o ar da superfície. Queimaria a pele, mas se o respirasse, o destruiria.

Brutus e Demon eram dois dos maiores da raça Merr e idênticos em todos os aspectos, de seus longos cabelos pretos aos seus olhos escuros combinando. Até mesmo suas barbatanas eram da mesma cor preta e prata. Tornava-os quase invisíveis nas águas profundas, mesmo às suas próprias espécies às vezes. Rigel era uma versão mais leve dos gêmeos. Seu cabelo era escuro, mas não preto, e seus olhos eram cinza. Quando a luz do sol brilhava através das ondas, suas barbatanas de prata pareciam metal de navio flutuando na água. Vinha a calhar quando tinham que nadar sem serem detectados, ao longo da parte inferior de um barco humano feito de

metal. Por esta razão, muitas vezes se voluntariavam para as caças mais perigosas.

Brutus aproximou-se, saindo da escuridão para a luz azul dançante. Ele indicou a distância. — *Ouví a madeira rachar. A scylla atacou.*

Em poucos segundos o som de seres humanos se afogando caiu sobre eles. Os espirros gigantes acompanhavam os gritos distorcidos. Rigel atravessou a água, esperando que desta vez pudessem chegar a tempo de parar a criatura e salvar algumas vidas. Infelizmente para os seres humanos, uma vez que a scylla começava um ataque, geralmente terminava dentro de segundos. Isso não impediu Rigel e seus irmãos de tentarem. Não importa quantas vezes ele ouvisse tal desespero, nunca se tornava mais fácil. Ele desejava poder salvá-los, mas o que qualquer um deles poderia fazer era empurrar os seres humanos para a superfície da água, e desejar-lhes sorte. Quando ele viu o primeiro pedaço de detrito afundando nas profundezas, ele sabia que era tarde demais para muitos dos mortais. Não havia terra por quilômetros – muito longe para que os seres humanos pudessem nadar. Talvez pudessem flutuar em partes quebradas do navio, se a sorte estivesse com eles.

Embora, honestamente, talvez os empurrando para a superfície e tentando salvá-los, fosse mais cruel do que deixá-los se afogar. Eles estavam no meio do oceano, nenhum sinal de resgate na água. Provavelmente seus corpos enfraqueceriam, e eles teriam uma morte longa e horrível. Se conseguissem flutuar em uma jangada, o sol quente e a falta de água potável os matariam. Mas, o que mais ele poderia fazer? Não era uma pequena chance melhor que nenhuma?

Rigel disparou para um humano, empurrando-o para a superfície. Do canto de sua visão, viu Demon fazendo o mesmo. Brutus nadou em busca de sua presa.

— *Rigel? Demon?* — A voz de Solon ecoou em sua cabeça, e ele olhou ao redor enquanto movia-se em direção ao próximo homem. O caçador se juntou a eles, deslizando os braços para pairar na água. O ouro verde de sua cauda chicoteava de um lado para o outro. Como todos os Merr, a cauda e as barbatanas de Solon combinavam com a cor de seus olhos castanhos.

— *Solon, o que você está fazendo aqui? Você veio nos ajudar?* — Rigel perguntou.

—Não, os Caçadores procuram outra criatura. Que está fugindo de nós. —O frasco em volta do pescoço de Solon flutuava levemente com seus movimentos.

—Temos o mesmo problema, mas está próximo. Acho que teremos sorte esta noite.

—Você está longe de casa há muito tempo. Você não pode ficar na água por muito mais tempo. —Todos sabiam que só poderiam ficar longe do solo Ataran por duas semanas antes de enlouquecer. Uma vez que a loucura se instalasse, eles nunca encontrariam o caminho de volta sozinhos. Mesmo passando só uma semana, isso estava empurrando-o ao limite.

—Sim, mas não podemos deixá-la. Esta é uma antiga. Muito poderosa. Se voltarmos para casa, talvez não a peguemos de novo. Quem sabe quantos naufrágios causou.

—Então, há duas antigas na água esta noite. —Disse Solon. Ambos sabiam do perigo que enfrentavam. As scylla eram criaturas perigosas. Elas eram espíritos da água, estúpidos, imprudentes, sempre procurando. Duas scyllas juntas seriam fortes o suficiente para empurrar qualquer um deles para fora da água. —Vou buscar Caderyn e Iason. Trabalharemos juntos.

Rigel concordou com a cabeça. Não vendo ninguém que ele poderia salvar, ele começou a sentir a água para encontrar uma das scylla. Brutus emergiu para empurrar um humano afogado para a superfície. O homem mortal ainda estava vivo e agarrou uma parte flutuante dos restos do navio. Brutus nadou rapidamente sob suas pernas, fazendo uma corrente que levaria o sobrevivente para longe do naufrágio.

—Os Caçadores vêm nos ajudar. —Disse Rigel.

Momentos depois ele ouviu Caderyn chamá-lo. Seu cabelo castanho escuro flutuava em torno de sua cabeça, flutuando brevemente diante de seus olhos roxos. O roxo prateado de sua cauda chicoteou uma vez, empurrando-o para cima, mais alto. O verde de Iason logo estava piscando atrás dele, unido mais uma vez por Solon.

—Você já esteve longe de Ataran por muito tempo. —Disse Iason. —Nós vamos ajudá-lo a pegar a sua e depois a nossa. Você precisa chegar em casa antes de perder o seu caminho.

—Ela é grande. —Advertiu Brutus.

—Já escapou duas vezes. —Acrescentou Demon. —Derrubando este navio, embora agora vejo que ela tinha ajuda. Estávamos nos perguntando por que ele naufragou tão rápido sendo tão grande.

Uma fria onda de corrente, mais fria do que de costume, se arrastou sobre eles. Viraram-se para o homem que Brutus ajudara a salvar. As pernas do ser humano chutavam violentamente, e viram a sombra de uma scylla deslizando sob ele.

—Por todos os deuses! —Solon jurou. —É enorme.

Brutus deu um leve aceno de cabeça, como se afirmando que ele estava dizendo a verdade. Todos os seis Merr entraram em ação. Rigel tirou o frasco do pescoço, pronto para abri-lo. A criatura começou a derivar, nada mais do que um ponto escuro na água. Era uma sombra quase sem forma e sem rosto. Passou por Brutus e Demon. Os dois irmãos se mexeram. Iason e Solon aglomeraram-se em seus lados, enquanto Caderyn nadava embaixo. Rigel soprou no frasco, quebrando o selo inferior e cobrindo suas presas. A criatura se contorceu, derrubando o ser humano, jogando-o sobre a superfície. O homem gritou, mas eles o ignoraram. Não havia nada que pudessem fazer além do que estavam fazendo.

Brutus e Demon se engancharam na scylla, lutando contra ela enquanto a arrastavam para o oceano. A criatura logo se tornou subjugada, e os caçadores foram capazes de arrastá-la mais facilmente. Rigel deixou seus irmãos carregarem o peso, enquanto ele acenava seus agradecimentos a Iason. Ele não tinha dúvida de que a teria capturado, mas com seis tinha sido mais fácil. Por um momento, ele pensou em oferecer ajuda a outra equipe. Mas já sentia a vertiginosa atração da água. Ele precisava chegar em casa antes de perder seu caminho. Ouvindo um esguicho enquanto o humano batia na água a vários metros de onde fora lançado, Rigel disse: —Vá. Encontre a segunda. Vou empurrar este mortal para cima e seguir minha equipe.

—Certo. —Disse Iason à sua equipe enquanto nadava na escuridão.

—O que é esse barulho? —A voz de Solon foi desaparecendo dentro da cabeça de Rigel enquanto segurava a cintura do afogado e empurrava-o para cima das profundezas. A sensação suave de vibrações na água alertou-

os para outro barco. Rigel sorriu enquanto soltava o homem. Talvez houvesse esperança para os sobreviventes esta noite.

Capítulo Dois

Lyra acordou suada. Seu coração batia tão forte que ela pensou que poderia explodir em seu peito. Por um momento, ela não conseguia se lembrar de onde ela estava ou o que tinha acontecido, enquanto olhava ao redor do ambiente com confusão. Mas, à medida que os intermináveis pesadelos tornavam-se realidade, e a compreensão aparecia, o medo transformava-se em dor. Nunca em sua vida sentiu tanto sofrimento. O estresse aumentou dentro dela até que ela mal podia respirar, ou pensar. Ela queria correr, mas, mais do que isso, ela queria morrer.

—Apenas me mate agora.

Isso era o que ela disse quando estava no convés, olhando para o outro lado do oceano distante. Mas, a força que havia escutado naquela noite, matou todos com os que ela se importava, pelo menos fisicamente. Pois, a mesma força a tinha matado de outra maneira, muito mais cruel. Matou seu coração e alma.

—Da próxima vez vou ser mais específica ao pedir coisas ao destino.
—Ela murmurou.

Não era a primeira vez que ela imaginava que estava realmente morta, e isso era um inferno. Todo mundo e tudo que ela amava tinha desaparecido, presumivelmente afogados sob as ondas. Ela era a única sobrevivente de sua tripulação. Estranhamente, porém, ela também estava sob as ondas. Mas, em vez de afogar-se, ela sofreu uma condenação eterna. Ela tinha sido salva por um tritão, que tragou seus lábios nos dela, e arrastou-a para baixo nas profundezas do meio da noite, até que tudo que ela podia ver era o brilho que iluminava seus olhos, e tudo o que ela podia sentir, era o frio do oceano e a pressão apertada de sua boca enquanto ele respirava. Seus membros estavam muito entorpecidos para mover-se e lutar contra ele, mas sua mente estava ciente durante cada momento da viagem horrível. Eles emergiram dentro de uma caverna cheia de ar. Só então ele a soltou. Pequenas luzes coloridas estavam dançando ao seu redor e, com aquela primeira respiração profunda e ofegante, ela desmaiou.

Durante dias depois de seu resgate ela recusara-se a falar, como se não dizer nada faria a terrível ilusão desaparecer. E então, ela não falou

porque a dor de sua perda era demais para suportar. Ela tinha sido resgatada e trazida para o abismo profundo, para uma terra secreta sob as ondas. Alguns poderiam chamar Atlantes de um lugar mágico, que por toda a lógica moderna não poderia existir. Oh, mas existia, e era tão real quanto o tritão que a salvou.

Tritão. Sereia. A cidade perdida de Atlantis. O deus grego Poseidon. Uma maldição. Uma eternidade. Aparentemente tudo real, e todos adicionados ao seu inferno vivo.

Na verdade, ela não tinha ideia de quanto tempo estava presa com os Atlantes, ou melhor, o palácio em Atlas, capital do país de Ataran. Foi tudo que ela conseguiu aprender sobre sua nova casa – não por falta de alguém tentando ensiná-la.

Dias misturados com o que poderiam ter sido semanas ou meses. Ela realmente não conseguia lembrar. Foi oferecido comida para ela. Estavam falando também. Ela foi levada ao redor do palácio e mostraram-lhe coisas. Alguém a levou para fora, onde havia árvores e um céu azul escuro pressionado contra uma cúpula mágica. Ela foi apresentada às pessoas.

Nenhum registro, não realmente. Eles estavam apenas passando momentos em um borrão em que metade era realidade. E então, sua mente acordou.

—Nós devemos ir ao salão de banquetes hoje à noite. O rei pediu que assistisse à celebração de um casamento.

Foi a primeira frase que ela realmente ouviu. A voz baixa lhe disse mais, mas não conseguia se lembrar do que fora dito antes dessa frase. Embora a voz fosse familiar, ela finalmente olhou diretamente para o homem que falou pela primeira vez. Ele foi quem a salvou. Rigel, o Caçador. Foi assim que os outros o chamaram. Rigel. Ela ouviu muito esse nome na neblina de sua meia-vida.

Seu cabelo era escuro, mas não preto, e seus olhos eram cinza. Não, eles eram mais um prata metálico. Sua expressão era rígida, mas ela parecia recordar que havia momentos de ternura em torno de seus olhos. Ela também se lembrou de ter batido nele e o chutado em várias ocasiões, quando ele tentou acordá-la de um pesadelo. Olhando para seu corpo forte, sua luta não tinha feito muito dano. Embora ele estivesse vestido, ela ainda podia ver a maior parte de seu corpo sob a túnica graciosamente drapejada.

Só ia até a coxa. Suas pernas, braços e um dos ombros estavam nus. Seus olhos focaram brevemente em seu peito liso, sem pelos, tentando lembrar como ele parecia. Certamente, ela devia tê-lo tocado, mas seus dedos não conseguiam lembrar-se da textura da pele bronzeada. Piscando lentamente, ela deixou seu olhar cair para as sandálias de couro a seus pés.

—Devemos ir ao salão de banquetes esta noite. —Repetiu Rigel. —O rei pediu isso...

Seus olhos dispararam bruscamente para seu rosto, cortando-o. Ele suspirou pesadamente, como se estivesse dividido entre falar e apenas virar e se afastar dela. Ele tinha características fortes, com seu corpo esculpido, um maxilar forte, olhos que pareciam perfurar dentro dela. Lentamente, ela assentiu com a cabeça em entendimento. Ele pareceu quase aliviado, animado mesmo, com o pequeno gesto.

—Aqui. —Disse ele, virando-se para pegar uma pilha de roupas dobradas. —Os alfaiates trouxeram isso para você. Eles terminaram esta manhã. Como você não tinha nada a dizer sobre o que você gostaria de usar, tomei a liberdade de escolher alguns estilos. Talvez você encontre algo que goste. Eu ficarei feliz em pedir mais para você. Você não pode estar satisfeita com apenas o vestido branco que Althea lhe deu para vestir. Muitas mulheres são privadas sobre suas roupas, pelo menos aqui elas são. Eu suponho que é o mesmo no mundo da superfície. Como eu disse, desejo que você seja bem cuidada.

Ele tinha dito isso antes? Ela não conseguia se lembrar. Todas as suas lembranças desde a chegada à Atlantes estava presa em uma névoa, meras impressões que se tornaram distorcidas quanto mais perto ela as olhava. Ele colocou a roupa ao lado dela no sofá e deu um passo para trás. Ela passou a mão sobre o azul profundo do vestido, sentindo a suavidade contra os dedos. Seus lábios separaram-se para dizer obrigado, mas ela não conseguiu formar as palavras.



Rigel suspirou. Pensou que sua pupila poderia de fato falar, mas Lyra permaneceu calada. Althea, a Curandeira, assegurou-lhe que não havia nada de errado com ela – pelo menos não fisicamente. Assim, podia presumir-se que ela estava escolhendo não falar com ninguém. Ele não tinha certeza se isso era uma bênção ou não. As poucas vezes em que falava era para gritar com ele – coisas odiosas, ofensivas, coisas que não faziam sentido. Às vezes, ela nem sequer o chamava pelo nome certo.

Era seu dever ajudá-la a se ajustar. Ela era sua responsabilidade, e ele estava falhando. Normalmente, os mortais que desciam, experimentavam um momento de euforia, onde poderiam ser informados sobre o seu destino e aprender a aceitá-lo antes que a realidade afundasse. Não foi assim com Lyra. Ela não foi afetada pela euforia. Não havia aceitação ou calma nela, apenas um vazio maçante temperado por momentos de raiva.

Havia semanas desde a noite estranha, quando ele a trouxe para baixo. Estranha porque duas scyllas foram pegas, e três mulheres humanas salvas. A caçada foi quase bem-sucedida. Uma bênção dos deuses? Ou uma fortuna muito boa para ser confiável?

O banquete em que foram era para celebrar o casamento de uma das mulheres com seu salvador. Uma humana salva, Lady Bridget, a Cientista, tinha escolhido o caçador Caderyn como seu marido. Fazia um longo tempo desde que eles tiveram um casamento para comemorar, e toda a população Merr estava animada com a notícia. A outra humana salva, Lady Cassandra não se saiu tão bem. Ela tinha sido levada para o campo para ser cuidada pelo seu salvador Iason, já que a viagem para baixo tinha afetado seu corpo. No entanto, a notícia era de que ela estava acordada e melhor.

Então havia Lady Lyra. Sua custódia.

Rigel sentiu seu corpo se contrair enquanto olhava sua mão acariciar o material azul de seu presente. Lyra lhe permitiu segurá-la algumas vezes enquanto despertava de seus sonhos. A suavidade de seu corpo pressionado contra o seu tinha sido suficiente para deixá-lo louco de desejo. Ele se conteve, naturalmente, porque quando sua mente despertava do sono, ela muitas vezes tentava socá-lo.

—Eu deveria deixar você se vestir. —Disse ele, correndo em direção ao banheiro. Sua casa era como muitas no palácio, uma grande sala de estar quadrada com sofás baixos, um escritório, um quarto adjacente para dormir

e um banheiro. Faziam suas refeições juntos no salão, assim não havia necessidade para muito mais. Lyra estava dormindo em sua cama, então ele foi forçado a usar o sofá. Não era o mais confortável dos arranjos – não tanto por causa das almofadas, mas porque tê-la tão perto, só fazia seus desejos se expressarem em sonhos vívidos.

Rigel puxou um cordão pendurado no teto e pisou na plataforma de banho. A água chovia do teto, polvilhando-o com as gotas quentes. A água fresca não o transformaria como o mar.

Rapidamente lavando, ele logo se concentrou em sua aflição. Uma mão acariciou seu pau, deslizando com o sabão e, com a outra, moveu-se para cobrir suas bolas. Depois de séculos sob as ondas sem uma amante para compartilhar seu tempo, ele sabia a melhor maneira de agradar a si mesmo. Embora, às vezes, o ato parecia mais funcional do que divertido, ele havia descoberto um renovado interesse em tais coisas recentemente.

Rigel pensou em longos cabelos loiros e em pele feminina lisa. Ele suprimiu o gemido enquanto apertava sua mão sobre sua excitação. Depois de um momento, ele derramou sua semente, apenas para assistir enquanto ela era lavada.



Lyra ouviu um profundo gemido e virou-se surpresa para onde Rigel desapareceu. A túnica romana azul que ele tinha deixado para ela vestir estava presa sobre os braços para criar mangas abertas. Ela alisou a saia enquanto foi investigar o som.

—Você está bem? —Ela perguntou. As palavras eram apenas um sussurro. Ela respirou fundo, limpando a garganta. Tornou-se consciente de seus arredores. As paredes eram planas, com uma textura de tijolos. Belos desenhos pintados diretamente sobre eles. Havia uma pequena mesa circular no canto com um vaso de cerâmica. Símbolos minúsculos esculpidos em torno da base. A luz vinha de cima, brilhando através de buracos esculpidos no teto. Ela viu o brilho de metal, e imaginou que o lugar estava iluminado pela luz refletida.

Outro gemido soou mais fraco do que antes. Lyra ficou rígida. Havia algo no tom da voz de Rigel, baixo e excitante. Ela avançou em direção à porta, mais devagar do que antes. O som da água corrente penetrou em seu cérebro, e ela vagamente lembrou-se de ser levada a um banho. *Ele teria a observado banhar-se? Seus olhos em sua pele nua? Ela não conseguia se lembrar.*

Sem parar para considerar o que estava fazendo, ela tocou a porta e a empurrou suavemente. Ela se abriu um pouco, apenas o suficiente para ela espiar por dentro. Água e luz adicionaram textura ao corpo nu de Rigel enquanto ele estava de pé, cabeça jogada para trás, as mãos enroladas ao redor de seu pênis. Era como a cena de um filme, e ela piscou várias vezes como se o ângulo da câmera mudasse, e ela veria outra coisa. Em vez disso, ele ficou rígido, ofegante quando gozou. Um arrepio visível passou sobre seu corpo. Lyra deu um passo para trás, apressando-se a sentar no sofá antes que ele a pegasse observando-o.

Um nó se formou em seu estômago, e ela não conseguiu tirar a imagem dele da cabeça. Ela tinha vivido ao redor dele pelo último... *por quanto tempo? Como ela não poderia ter notado? Ele tinha o corpo de um deus grego e as partes de um homem muito humano.* A compreensão de que ele era construído como um homem humano a despertou, tanto quanto a assustou. Se ele era construído como... E ele poderia se masturbar como... E ele parecia... E ela estava...

—Putá merda. —Ela sussurrou.

—Desculpe-me? —Ele perguntou, soando atordoado. —Você falou?

Lyra levantou-se e deixou escapar: —Não ouvi você no chuveiro.

Ele olhou atrás dele. Um pano de linho enrolado na sua cintura, mas gotas de água se agarravam à sua carne. Ela deu um passo à frente antes de se parar. O tempo parecia uma série de pequenos momentos. Uma gota caiu de seu cotovelo no chão com um pequeno respingo. Ele piscou; seus olhos baixando para o chão antes de levantar para contemplá-la. A água escorria pelo lado do nariz, curvando-se nos lábios. Sua mão levantou. Seu pé moveu-se. Ela caminhou em sua direção. Hipnotizada, ela alcançou seus lábios, seguindo a umidade com a ponta de seu dedo. Ele não se moveu, apenas respirou. Seus lábios se separaram e seu dedo deslizou entre eles. Quando ele não beijou a ponta, ela puxou a mão dela.

O que ela estava fazendo? Lyra balançou a mão apertando os punhos, forçando-se a lembrar do oceano. Não foi difícil. Este homem estava lá com seus amigos. Por tudo o que ela sabia, eles destruíram o navio para que pudessem sequestrar humanos, ou afogá-los por esporte, ou para roubar o que estava a bordo como piratas submarinos. Os pensamentos empurraram com sucesso seu desejo para um nível mais manejável. Para Rigel, ela declarou: —Estou pronta para o banquete.

—Os outros ficarão satisfeitos por você estar falando. —Disse ele, passando apressado para seu quarto.

Ela observou a porta fechar-se antes de sorver uma respiração longa e profunda. O que ela estava pensando? Se ele tivesse respondido a ela, ela poderia ter deixado que ele a beijasse, bem possível. Ok, definitivamente possível. O formigamento irrompeu sobre sua carne, como se seu corpo tivesse ganhado vida pela primeira vez em anos. Ela queria beijar alguém. Ela queria bater em alguém. Raiva e paixão a dominaram por um breve momento, e ela não conseguia ver direito.

Fechando os olhos, ela lentamente conseguiu se controlar. Um baixo brado de raiva e dor permaneceu, mas era mais fácil sentir e entender. Ela não ouviu Rigel até que ele estava ao lado dela.

—Pronta? —Ele perguntou.

Lyra saiu de sua casa sem responder.

—Vejo que você não está falando de novo. —Disse ele em voz baixa. Ela fez uma pausa olhando para o corredor. Incluindo a porta que ela havia saído, as opções eram outras duas portas ou um corredor adjacente. Assumindo sua direção mais do que sabia, ela caminhou para o corredor e virou.



—Por aqui. —Disse Rigel, agarrando seu cotovelo e dirigindo-a na direção certa. Ela se sacudiu com seu toque e ele a soltou. Ele não tentou adivinhar o humor dela, pois fazia pouco sentido para ele.

A casa de Rigel estava na seção de guerreiros do palácio. Havia apenas uma dúzia de casas no total, divididas em quatro salas para cada equipe. Cada sala tinha três quartos, de modo que cada homem vivia ao lado de seus membros da equipe em apartamentos separados. Todos possuíam uma casa no campo também, para quando desejassem escapar da cidade. Virando-se, ele levou Lyra para longe dos aposentos. Eles caminharam em direção ao salão de banquetes em silêncio.

Os salões do palácio estavam impecáveis e organizados. Grandes arcos passavam por cima, enquanto saíam da sala da caverna, e entravam no corredor do palácio principal. Os arquitetos da cidade tinham vitrificado os tijolos das paredes do palácio com uma mistura feita de pedras preciosas, que lhes davam um tom azul de incandescência. Luz refletia de fora durante o dia, mas à noite, tochas eram iluminadas pelos corredores dando um suave brilho alaranjado. A pedra azul foi acentuada com azulejos decorativos amarelos e brancos, formando padrões bonitos e intrincados.

Chegaram a uma porta alta e arqueada. O banquete já havia começado, e o salão principal do palácio estava cheio de pessoas. Muitos deles eram homens e vestidos como Rigel, embora algumas das esposas estivessem também presentes, vestidas com suas melhores roupas – vestidos românticos, longos, e cordas douradas sobre suas cabeças.

Lyra parou de andar, olhando ao redor do corredor.

—Eles vieram para o banquete. —Disse ele, pensando que ela fez uma pausa por causa do grande número de pessoas. Ele se recusou a dizer-lhe que muitos dos homens solteiros vieram para olhá-la, na esperança de que eles pudessem chamar sua atenção. Afinal de contas, ela era solteira, e isso a tornava uma grande mercadoria para a população de homens solteiros. O fato de ela ser bonita só alimentava o sentimento geral de esperança.

Lyra não fez um movimento para entrar.

Ele fez um gesto para uma longa mesa na frente do salão. —O rei Lucius deseja cumprimentá-la.

—Quem?

—Rei Lucius. —Repetiu, indicando o rei. Ela o encontrara em várias ocasiões, mas parecia que não reconhecia o nome. —É costume cumprimentar o rei ao entrar no salão, quando você é novo no palácio.

Caderyn começou a se aproximar com a sua senhora resgatada Bridget, a cientista. Rigel sorriu. Talvez outro humano pudesse falar com Lyra e colocá-la à vontade. Ele assentiu com gratidão para a atenção do outro caçador. Lyra olhou brevemente para Bridget antes de olhar para o chão.

—Rigel. —Disse Caderyn reconhecido quando se aproximaram. — Posso apresentar a minha... —Caderyn olhou para Bridget. —Lady Bridget.

Rigel arqueou uma sobrancelha. *Sua lady Bridget?* Então, inclinando-se educadamente, disse a Bridget: —Minha senhora, bem vinda a Ataran. Eu esperava conhecê-la. Eu teria vindo mais cedo, mas a minha equipe voltou à pista.

Lyra bufou em desgosto. Rigel olhou para ela. Ela não encontrou seus olhos.

—Alguma coisa? —Perguntou Caderyn.

—Não, alarme falso. —Respondeu Rigel. Pensamos que outra scylla vagava perto do topo da cúpula, mas era uma lula perdida. Voltando-se para Lyra, ele esperava atraí-la para a conversa. —Esta é Lady Lyra do Explorador.

—O Explorador? —Perguntou Bridget, estudando Lyra. —É um navio?

Lyra olhou para cima, mas não respondeu.

—Ela não está falando no momento. —Rigel disse para explicar a pausa incômoda. Ele deu a Lyra um olhar esperançoso, um que ela não parecia ver. —Lyra, Lady Bridget também estava na água àquela noite com você, mas em um barco diferente.

—Ah. —Lyra disse, sua mandíbula tensa. Sua voz profunda soou amarga, quando ela disse: —Então seu povo matou sua família também.

Rigel sentiu como se ela o tivesse esbofeteado. Sua voz gotejava com desdém. Mortificação misturada com surpresa e raiva. *Como se atrevia a acusá-lo de tal coisa? E na frente dos outros?* O golpe total para sua reputação certamente afundaria mais tarde, uma vez que o choque passasse. Sentiu que outros os olhavam, seus olhos estreitaram-se, e ele

imaginou o murmúrio de vozes espalhando suas palavras por todo o corredor.

—Eu vim e agora eu vou. —Lyra disse, rapidamente virando-se para pegar o caminho de onde vieram.

Rigel suspirou sem saber o que dizer. Ele levantou a mão para o rei, com um gesto de desculpa. O rei acenou com a cabeça do outro lado do corredor. Para Caderyn, ele disse: —Com licença. Eu deveria ir com ela.

Caderyn assentiu, e Rigel afastou-se apressadamente do banquete.

Capítulo Três

Lyra não sabia para onde estava indo, nem por que havia dito aquelas coisas. Ela não tinha nenhuma prova de suas motivações, apenas suas suspeitas. Era uma coincidência muito grande que o povo Merr estivesse debaixo de seu barco ao mesmo tempo em que afundava abaixo das ondas. Mas ela não tinha a intenção de dizer as palavras, elas simplesmente saíram, bem como a raiva que ela estava sentindo agora. As lágrimas queimavam seus olhos, e ela queria gritar, ou bater em alguma coisa, ou chutar a parede com o pé – alguma coisa, qualquer coisa, apenas para acabar com a dor. Ela pensou ouvir passos atrás dela, mas não viu ninguém quando ela olhou por cima do ombro. Não importava. Correu mais depressa, tentando escapar dos confins do palácio. Um dos salões tinha que conduzir para fora do palácio.

Vendo uma luz brilhante, ela moveu-se para ela, sabendo que tinha que ser uma fuga. Logo ela se viu lá fora. Ninguém a deteve enquanto se movia em direção a um longo muro. Estendia-se ao redor da lateral do palácio. Linhas amarelas brilhantes corriam ao longo das pedras azuis brilhantes. As imagens das criaturas do mar descritas ao longo das paredes, levantando-se da superfície lisa. Encontrando um portão estreito, ela o sacudiu até que se abriu, e deslizou para além das paredes do palácio.

O céu era azul escuro, muito escuro durante o dia, mas ainda era claro. Ela vagamente lembrava-se de ter sido informada de que a cidade além do palácio chamava-se Atlas, e era considerada sagrada. De seu lugar, ela não viu uma cidade, mas ela ouviu os sons fracos de alguém. Avançando em direção ao barulho para uma melhor visão, ela descobriu a cidade aninhada em um vale além do portão do palácio principal.

Do seu ponto de vista, viu o perímetro das estradas e o espaço uniforme dos edifícios. Uma grande clareira estava no centro, presumivelmente a praça da cidade. Os tritões tomaram muito cuidado no planejamento. A cidade era exatamente o que ela poderia esperar de uma cidade antiga. Não havia calçadas ou postes de concreto, e as casas eram unidas, formando blocos inteiros, sem becos ou entradas. As estradas eram

pavimentadas com grandes pedras, e as casas tinham fendas estreitas na parede, como janelas.

Um homem caminhou por um longo caminho da cidade em direção ao palácio. Ela lentamente se afastou, com a intenção de ir à outra direção. A cidade não se estendia até o vale, e poderia haver uma fuga do outro lado. Lyra não sabia para onde iria, só sabia que tinha que ir. Ela nunca foi uma pessoa de grandes festas. Quando era criança, nunca sonhava em ser uma princesa em um palácio, e ela com certeza não iria ficar por aí como uma prisioneira em um.

Ela manteve a mão na parede e os olhos na cidade. Então seus passos pararam quando ela atingiu uma sólida parede de carne. Rigel. Ela sentiu que era ele antes mesmo de se virar para olhar. Lyra fechou os olhos.

—Eu não matei sua família. Eu empurrei quem eu podia para a superfície. Eu fiz o que pude para salvá-los, mas era tarde demais. Havia duas scylla na água e nós...

Lyra não queria ouvi-lo, então ela se virou para calá-lo. Em vez de uma bofetada, ela se viu agarrando-o pelo rosto e beijando-o. Seus lábios se abriram em surpresa, e ela aproveitou, empurrando sua língua além de seus dentes nas profundezas de sua boca. O instinto assumiu de uma forma que ela não imaginava ser possível antes. O calor de seu corpo a atraiu... e ela sacudiu a roupa dele, rasgando o material enquanto tentava tirá-la do seu caminho. Outro rasgo ecoou enquanto ele fazia o mesmo, rasgando o vestido que ele lhe dera, para libertar seus seios. Palmas de mãos quentes envolveram seus seios, beliscando, apertando os mamilos e liberando uma onda de desejo quente em todo seu corpo.

Sua vagina doía; tão molhada e sensível. Ela empurrou seu vestido rasgado, até que deslizou de seu corpo para deixá-la nua. Então, manobrando a mão abaixo entre as coxas dele, ela empurrou seus dedos ao longo de seu sexo. Ela gemeu em sua boca. Sua língua agora lutava com a dela, dançando e lutando no calor do momento.

Rigel a deixou montar sua mão enquanto ele se libertava do beijo. Seus olhos pareciam carregar dentro de si uma grande tempestade, enquanto ele passava os lábios pelo pescoço. Ele a empurrou com força, golpeando as costas dela contra a parede do palácio. O ar frio bateu em sua

carne, fazendo cócegas na umidade deixada por seus beijos. Seus lábios envolveram um mamilo, e ela ofegou com o poder da sucção.

Seus quadris sacudiram. Suas costas arquearam contra o azulejo duro, pressionando sua pele. Seu dedo deslizou dentro dela, pelo que parecia ser um impulso acidental de seus quadris, mas uma vez que estava lá, ela o impediu de tirar, apertando as pernas. O olhar de Rigel encontrou o dela com surpresa, mas ela rodeou seus quadris corajosamente enquanto ela lhe mostrava o que queria. O dedo contorceu e ela gemeu com entusiasmo. Não demorou muito para gozar quando ele empurrou outro dedo dentro de sua boceta e imitou as estocadas de um pau.

Lyra ofegou e gemeu, montando sua mão até gozar. O clímax foi bom, entorpecedor e de tremer o chão. Seu corpo inteiro tremeu com a força dele. Lyra não esteve com um homem por quase um ano, e foi tão casual e tão insensível como encontrar um estrangeiro em um bar poderia ser. Mas, isso... Isto... Oh, isso...

Ela estremeceu, seus braços caindo dos ombros dele. Estava tão concentrada em si mesma, que não notara que suas mãos cravavam em sua pele. De alguma forma, conseguira perfurar a pele com as unhas. Minúsculas linhas na forma de seus dedos.

—Você gostou disso? —Ele perguntou.

O jeito que ele disse lembrou-a do olhar confuso em seu rosto enquanto ela encorajava seu dedo dentro de sua vagina. —Oh, não, não me diga que você é virgem.

Ele não respondeu prontamente.

—Você nunca teve sexo? —Ela ofegou surpresa. Ok, então ela não queria que isso soasse assim. *Como na Terra, ou seria como no mar, um homem tão delicioso permaneceu virgem?*

—Eu tive. —Ele fez uma pausa. —Fiz coisas.

—Coisas? —Ela arqueou uma sobrancelha.

—Temos ninfas do prazer. As bonecas devem ser realistas, e eu uso as minhas com bastante frequência.

Ela usou toda sua força de vontade para não rir disso.

Rigel continuou: —E antes de nos tornarmos cativos do abismo, havia uma mulher de quem eu gostava muito. Ela não fez o mergulho conosco. Desde o início de nossa maldição, geralmente não emparelhamos uns com os outros para contato casual. A eternidade é muito tempo para guardar rancor, e se um casal tiver uma separação amarga haveria...

Lyra o beijou. Como não podia? O pobre, incrivelmente sexy homem, estava preso no oceano com o corpo de um deus, o pau de uma estrela pornô e, aparentemente, nada além de brinquedos sexuais para usá-lo. Quando ela se afastou, ele agiu como se fosse falar. Ela colocou seu dedo em seus lábios.

—Não se preocupe com isso, querido. —Ela pegou seu pau duro. Oh, mas parecia agradável, mesmo com o tecido ainda pendurado em seus quadris. Lyra sacudiu o tecido, tirando-o. —Eu sei como cuidar disso para você.

Ela caiu de joelhos, agarrou a base de seu pênis, e abriu a boca amplamente.



Rigel assistiu Lyra tomar seu pênis entre seus lábios e começar a chupar. A sensação disso era gloriosamente perversa, e ele gemeu, dividido entre observar o show erótico e fechar os olhos para que ele pudesse sentir cada segundo do prazer. Sua cabeça balançou enquanto ela o levava para dentro e para fora, chupando e soprando, lambendo e provocando, dentes raspando, língua acalmando, mãos agarrando e acariciando.

Ela foi pra cima dele como uma mulher faminta, agressiva e ansiosa em seus movimentos. Oh, mas era magnífico. Magnificência perfeita, apertada e molhada.

Rigel deu a ela o que ela desejava, incapaz de segurar, mesmo se quisesse. Seus quadris sacudiram e ele explodiu em sua boca, liberando todos os seus desejos reprimidos por ela em um fluxo de fluidos. Ela não se encolheu, não se afastou enquanto engolia com deleite.

Depois, lambendo os lábios, ela sorriu enquanto se levantava. —Sua ninfa de prazer faz isso?

Quase fraco, ele balançou a cabeça negando. —Não.

—Foi o que eu pensei. —Lyra pegou seu vestido do chão e olhou em volta. Ele fez o mesmo. Ninguém sairia a esta hora do dia, pelo menos não normalmente. Além disso, com o banquete dentro no palácio, quase todo mundo festejaria e desfrutaria da companhia da noiva e do noivo.

—Bem? Você gostou?

Ele podia dizer pela sua expressão que ela já tinha sua resposta. Ainda assim, ele acenou com a cabeça. —Muito.

—Por que não me mostra essa ninfa de prazer? Eu quero ver o que mais eu posso fazer que ela não pode.

Rigel não tinha certeza do que tinha acontecido para mudá-la de tal maneira, mas ele não a questionaria nem por todo o poder do abismo. Ele implorou ao deus Poseidon para abençoá-lo e perdoá-lo, e enviar alguém para aliviar a dor da solidão. E aqui estava ela. Ela o escolheu. Saindo do silêncio dela, ela o escolheu. Pois somente a vontade dos deuses poderia ter produzido nela tal transformação, assim como transformou seu povo. Certamente este era um sinal. Ela veio para cuidar dele. Ela estava escolhendo estar com ele. Sua esposa. Sua companheira. Seu amor.



Com sexo ela poderia lidar. Lyra amarrou umas tiras de seu vestido para fechá-lo sobre seus seios. Rigel realmente tinha feito um número nela. Então, novamente, ela realmente tinha feito um número nele. Não entendia o que aconteceu com ela, só que ela queria entorpecer seu cérebro. Rigel parecia o projeto perfeito para fazer tal coisa.

Ela não tinha certeza do que a fez ficar de joelhos e chupá-lo assim, muito menos engolir o "*grand finale*". Mas, por alguma razão, provavelmente a mesma que a levou a querer fodê-lo, ela não se importava com nada além do prazer adquirido com o momento. Ela não se importava

se a linha de árvores ao redor estava cheia de espectadores. Ou se Rigel era um tritão e ela uma humana. Ele tinha um pau. Ela tinha uma boceta. Essa era toda a lógica que ela precisava.

Oh, entorpecimento abençoado!

Antes, só conseguia pensar em fugir. Agora, ela não podia esperar para voltar para sua casa. Ela agarrou seu vestido rasgado, não importando realmente que seu quadril estivesse exposto ou qualquer um que passasse soubesse imediatamente o que havia acontecido. A opinião pública realmente não lhe importava. Agora não. Não com tudo que ela...

Não. Ela não pensaria sobre isso. Isso não. Ela precisava esquecer. Ela precisava de Rigel para fazê-la esquecer.

Rigel tocou gentilmente seu braço, fazendo-a virar. Quando passaram por dois guardas em pé diante de uma porta simples, ela ajustou as mãos contra o peito para apertar o vestido. Eles a olharam com curiosidade.

Ambos os guardas usavam um chiton iônico⁴ que ela tinha visto em outras pessoas Merr. A camisa branca e curta era um pedaço retangular de material dobrado ao meio e costurado ao lado. Fixava-se ao longo das mangas e ia até acima dos joelhos. Um cinto de fita apertava a vestimenta sobre a cintura. Um manto cobria um ombro em um tom de verde. Preso no ombro por um broche circular de ouro, gravado com um símbolo agora familiar do sol Merr. Como a maioria dos Merr, usavam sandálias de couro amarradas nos pés.

—Senhor Rigel. —Disse um guarda mais sombrio, acenando com a cabeça em aprovação.

—Vitus. —Reconheceu Rigel, uma tensão em sua voz. Ao loiro alto, ele disse: —Brennus.

—Vão ao banquete? —Perguntou Brennus, incapaz de esconder o interesse por seu traje.

—Nós fomos. —Respondeu Rigel. O som de sua voz lhe deu um arrepio de excitação.

—Acho que estamos perdendo a festa. —Disse Brennus a Vitus. Ambos os guardas nem sequer tentaram ocultar sua diversão, enquanto Lyra

acelerava o passo. Ela ainda não conseguia se preocupar que fora pega numa posição tão obviamente comprometedora.

Quando estavam mais uma vez sozinhos, Rigel disse: —Peço desculpas se eles a ofenderam, mas eles não significam nada. Vitus é casado, e Brennus espera um dia tornar-se um caçador. A única maneira que isso pode acontecer é se o Rei Lucius nomear mais equipes, ou se um membro de uma das equipes existentes não voltar para Ataran.

—Eu não estou ofendida. —Ela respondeu rapidamente, não querendo discutir seu trabalho. —E eu não quero falar sobre caça, ou equipes, ou sair para o abismo. Na verdade, não quero pensar no oceano.

—Eu entendo. Eu sei que você teve um momento difícil com...

Lyra parou de andar, agarrou seu rosto, beijou-o forte e breve e disse: —Shh. Não falaremos de nada disso. A única coisa que você tem permissão para falar é sobre o brinquedo de ninfa do prazer que você tem, quaisquer outros brinquedos que você tem, e o caminho mais rápido para ver ambos.

Rigel apontou instantaneamente para onde estavam indo.

—Por aqui.

Ela escondeu seu sorriso. A promessa de sexo sempre calava os homens. —Então é assim. Mostre o caminho e seja rápido.

Rigel obrigatoriamente movimentou-se quase correndo pelo corredor. Pelo menos agora ela sabia com certeza que ele a queria – se houve alguma dúvida. Ela olhou de volta para os guardas. Eles observavam atentamente até que ela se afastou de sua visão.

—A ninfa está no meu quarto. —Disse Rigel, no momento em que abriu a porta da sua casa.

Lyra fechou a porta enquanto se dirigia para o quarto. Seus passos eram mais hesitantes. As dúvidas tentando sobressair, mas ela afastou todos os pensamentos de sua mente. Em vez disso, ela concentrou-se na porta, nos degraus necessários para chegar lá. Dentro, Rigel abriu um guarda-roupa pequeno e estreito, e deu um passo para trás para que ela pudesse ver.

—Elas são o padrão de edição para caçadores. Elas são os melhores instrumentos de prazer que nossos inventores têm para oferecer. —

Explicou. Era sua imaginação ou estava um pouco embaraçado com a admissão?

Dentro dela estava tudo o que ele precisava para se deleitar. A peça central era uma mulher sintética, mais realista do que a boneca que ela estava imaginando. A cabeça do brinquedo era careca e os olhos fechados. Projetado para parecer uma mulher, o corpo da ninfa parecia macio e quase realista. Incapaz de evitar a curiosidade, Lyra passou a mão pelo braço do brinquedo. Embora fosse mais realista do que qualquer outro robô que ela já tivesse visto, ainda havia uma sensação de borracha em sua carne.

—Ela tem um nome? —Lyra perguntou, mordendo o interior de seu lábio para não rir.

—Eu a chamo... —Rigel fez uma pausa antes de resmungar. —Vênus.

—Vênus. Deusa do amor, certo? —Lyra arqueou uma sobrancelha. —Acho que isso é muito apropriado.

Olhando por cima dos bolsos de armazenamento, pequenos forros no interior da porta do guarda-roupa, ela puxou um disco redondo. A forma dele combinava com o suporte no pescoço da ninfa. Ela o empurrou para dentro. Rigel não a impediu. Instantaneamente um cabelo loiro cresceu na cabeça da ninfa. Em seguida, ela combinou um segundo disco azul. Os olhos azuis da ninfa se abriram. Ela puxou o disco azul e fechou os olhos. Ela o substituiu por um verde. Quando eles voltaram a abrir, Vênus tinha olhos verdes.

—Isso é incrível. —Lyra disse, movendo-se para enfiar o dedo nos olhos do brinquedo. A ninfa piscou, como se estivesse vacilando. —Eles fazem homens também?

Rigel fez um ruído desconfortável. —Não há necessidade de lhe arranjar um macho.

Um boquete e o homem já estava com ciúme de um possível brinquedo. Lyra não tinha certeza se ficava satisfeita ou aborrecida. —As mulheres Merr não têm opções?

—Elas protestaram alto quando essas mulheres sintéticas foram introduzidas pela primeira vez em nossa sociedade. Mas os receptáculos servem a um grande propósito. O que mais os homens podem fazer por uma eternidade sem mulheres para satisfazer nossas necessidades? Se nós Merr

não tivermos nossa liberação, as tensões aumentam e as lutas começam. O desejo sexual não liberado é chamado de *aflição*.

—E você disse que todos os caçadores têm um equipamento padrão? É porque você é como... —Ela franziu a testa, não olhando para ele. — Famoso?

—Sou bem conhecido. —Admitiu. —Depois da excitação de uma caçada, as tensões são sempre grandes. Não há nada como liberação sexual para trazer os níveis de volta ao normal. Se não o fizermos, ficaremos doentes. É parte do nosso castigo dos deuses – sermos tão sexualmente conduzidos e não ter um receptáculo para liberar.

—Mais uma vez, eu pergunto. Mulheres Merr não têm opções?

—O número de mulheres é limitado. A maioria se casou. As outras nunca pediram tal coisa.

Vendo o que só podia ser o interruptor para ligar, Lyra não pôde evitar. Ela ligou a unidade. Vênus começou a mover seu corpo contra a porta, empurrando seus quadris em pequenos círculos enquanto seus braços erguiam-se. A unidade suspirou, fechando os olhos lentamente e abrindo-os com um olhar sonhador. Vênus franziu os lábios.

Lyra fez a única coisa que pôde. Ela riu. Muito. Como não poderia? Era muito engraçado.

Rigel rapidamente desligou a ninfa e ela parou de se mover. —Você já viu.

Instantaneamente, sentiu pena por rir. Ela podia ver que o tinha ofendido. Ele fechou o guarda-roupa.

—Ah, não fique chateado. Eu acho que Vênus parece uma menina muito doce. —*O que estava errado com ela? Ela tentou dizer algo legal e acabou provocando-o de novo.*

Ele parecia não saber o que dizer em troca.

—Eu estou te provocando. —Ela disse suavemente, ficando de pé, Lyra passou os lábios contra seu pescoço. Sua mão afrouxou seu vestido rasgado e deslizou para o chão em torno de seus pés. Ela puxou a cintura dele, tirando-o de suas roupas. Uma vez nua, ela alcançou entre eles, sentindo o comprimento de seu pênis contra a palma da mão. Ele prendeu o

fôlego, um som que era de algum modo mais íntimo do que ela estava preparada. —Que tal eu mostrar a você o quão doce uma menina como eu pode ser?

Lyra mordeu o pescoço dele, puxando a pele levemente antes de soltá-la. Seu suspiro transformou-se em gemido. Ela o beliscou de novo, pressionando sua mão contra seu peito para levá-lo para a cama. Ele caiu para trás e ela imediatamente rastejou em cima dele. Sua carne formigava em todos os lugares que eles se tocavam, como se ele passasse sua energia para ela. A sensação era estranha, porém revigorante ao mesmo tempo. Ela nunca sentiu atração a um nível tão potente.

—Eu aceito. —Disse ele.

Ela se questionou pela maneira como ele disse as palavras, mas assumiu que ele aceitou suas desculpas tácitas. Sorrindo, ela assentiu, concentrando-se nas curvas de seu peito. Ele estava em grande forma, provavelmente por toda a natação que ele fazia. Ela nunca esteve com um homem assim. Quase encantada, ela se acomodou contra seu estômago, estendendo-se sobre sua cintura enquanto corria os dedos ao longo de cada vale de seu peito e abdômen.

Rigel não a impediu, nem a apressou. Ele fechou os olhos, respirando profundamente. De vez em quando, aquela respiração engatava e ele a segurava. Seus quadris empurravam com movimentos suaves sob ela, enquanto suas pernas trabalhavam contra o colchão. O balanço pressionou sua carne quente em seu sexo. Ela deslizou contra ele com o seu corpo sedoso. A pressão atingiu seu clitóris, fervendo seus desejos já aquecidos.

As mãos de Rigel deslizaram por seus lados para cobrir seus seios. Ele parecia hesitante enquanto testava a sensação dela contra as palmas das mãos. Ela sabia que não se parecia nada com Vênus. Ele acharia sua pele estranha depois do material sintético? Depois de um momento, ele pareceu satisfeito com o que descobriu, e começou uma jornada mais árdua sobre sua forma. Ele tocou em qualquer lugar que pudesse alcançar, deslizando suas mãos ao longo de sua espinha cada vez que ela se inclinava para colocar beijos em seu peito.

O calor se espalhava de suas mãos onde ele a tocava, trabalhando em seu corpo, até que ela sentiu como se ele estivesse dentro dela. Sua carne tornou-se sensível. Seus mamilos eram picos duros sob seus dedos.

Ela balançou os quadris, deslizando seu sexo ao longo de seu estômago. O comprimento total de sua excitação bateu contra seu traseiro quando ela empurrou para trás. O silêncio abençoado encheu sua mente. Cada momento não passava de sensações – uma varredura da mão, uma fricção da perna, uma agitação de desejo enterrado. O prazer arrastava-se atrás das pontas de seus dedos, enquanto explorava.

O tempo parecia parar. Não era a primeira vez que o sentia quando estava em sua presença. Nada mais importava neste momento, apenas essas sensações.

Ela abriu os lábios, incapaz de resistir a prová-lo. Lyra tinha que beijá-lo, como se estivesse sendo conduzida por uma força, fora de si. Ela apertou sua boca contra a dele, gentilmente roçando sua língua entre seus lábios.

Ela o queria demais e não negaria. Ansiosamente, ela ergueu os quadris, abaixando-se para trazer seu corpo para o dele. O comprimento espesso pressionando. Ela hesitou, tremendo antes de finalmente se sentar completamente contra ele. Seu pênis a esticou, mas a pressão foi maravilhosa, e ela não se importou com o toque de dor que causou.

Rigel suspirou, segurando seus quadris. Seus dedos cravaram em sua carne, segurando-a firme. Quando ela tentou se mover, ele manteve a carne dela contra ele. Seus quadris moviam-se em minúsculos círculos, mantendo seu corpo bem no fundo. Embora pequena, a pressão era muito boa. Ela gemeu suavemente, balançando contra ele, incentivando seu ritmo profundo.

Lyra puxou seu ombro, rolando de modo que ele estava em cima dela. A posição empurrou-o mais fundo ainda. Ele mordeu seu pescoço e usou sua nova posição como alavanca para massagear um peito em sua palma. Seu amor tornou-se mais agressivo. Rigel trabalhou seus quadris, levando seu pênis para dentro e para fora em uma série de movimentos fluidos. Ela abriu as pernas, cavando os pés na cama enquanto se levantava para aceitá-lo.

Lyra agarrou a mão dele, movendo-a para seu sexo para mostrar a ele como ela gostava que seu clitóris fosse friccionado. Ele obedeceu prontamente. A intensidade era mais do que ela podia resistir. Tremores entraram em erupção em seu estômago, sacudindo todo seu corpo. Ela

enrijeceu, ofegante quando gozou. Ele apoiou as mãos ao lado dela. Rigel gemeu, seu grito de liberação unindo-se ao dela.

Capítulo Quatro

Rigel segurou Lyra observando-a dormir em seu peito. Estava exausto e, entretanto, não conseguia fechar os olhos. Ela o queria. Em seu mundo, suas ações significavam que ela queria que ele fosse mais do que um amante. Os amantes falavam em voz alta. Lyra não disse essas palavras. E, por um momento, ele se convenceu de que estavam acasalados e ela era dele, para sempre. Então, quando as consequências de seu amor se agarraram, sua mente aclarou-se e outro pensamento lhe ocorreu. Embora ele dissesse que a aceitou, talvez ela não estivesse realmente fazendo uma oferta. Os costumes do mundo da superfície eram em grande parte um mistério.

Muitos estavam ansiosos para ouvir dos novos membros de sua sociedade sobre o mundo acima. Aidan, um dos raros homens a serem resgatados décadas antes, foi encarregado de catalogar novos artefatos e retirar dados das recém-chegadas. Com três mulheres para entrevistar, ele estava impientemente esperando a permissão de seus guardiões. Quando ele recolhesse suas informações, ele publicaria suas notícias para Ataran. Rigel estudou Lyra, perguntando-se se ela estaria disposta a falar com o homem.

Quando ele puxou sua mão sobre seu quadril, sua mente vagou. Ele pensou em Vênus, e como os prazeres da ninfa agora empalideceram em comparação com a coisa real. A sensação do sexo com Lyra não era nada como a sensação da ninfa. Na verdade, era mais molhado, era melhor.

Ele contemplou como o mundo de Lyra seria, as coisas que ela perdeu, o povo. Então, ele pensou em suas próprias perdas, do irmão que foi para o mar e nunca mais voltou. Eles não falavam sobre Nemus. Eles não falaram sobre qualquer um daqueles que desapareceram no oceano. Alguns haviam partido nos primeiros dias, tentando encontrar uma solução, cansados de estarem amarrados a Ataran. Outros eram caçadores que não chegaram em casa a tempo, e foram condenados a perder-se. Seu irmão foi um dos que partiu voluntariamente nesses primeiros anos. Rigel implorou-lhe para ficar, para esperar, mas Nemus sempre foi um espírito livre. Toda

vez que ele caçava havia uma parte de Rigel que procurava seu irmão perdido, mesmo que não pensasse conscientemente sobre ele.

Lyra suspirou em seu sono, ajustando seu corpo. Ele levantou a mão, esperando que ela se ajustasse antes de tocá-la mais uma vez. A pele macia de suas costas e quadril o hipnotizaram, capturando sua atenção enquanto ele a acariciava. Ele poderia viver neste momento por uma eternidade, e ele sabia por experiência de quanto tempo uma eternidade poderia ser. Em seu tempo, ele aprendeu que não foram as guerras, a paz ou a política que criaram a vida, foram esses momentos, essas pequenas coisas que muitas vezes eram esquecidas – sentir a sua pele, um suspiro, um vibrar dos cílios de Lyra, enquanto seus olhos começavam a abrir.

Por um momento ela olhou para ele com todo sono maravilhoso que sentia, e houve uma conexão.

Ele imaginou que seus batimentos cardíacos se juntaram, e que ele podia senti-la dentro dele. *Ela poderia senti-lo?*

—Eu te amo. —Ele não tinha a intenção de dizer as palavras.

Ela piscou e o momento desapareceu. Lágrimas encheram seus olhos enquanto ela abanava a cabeça negativamente. —Isso não é possível. O que você sente é gratidão, não amor. Quando você aprender a diferença, você verá que a luxúria não é amor.

Ele não discutiu. Ela virou as costas para ele enquanto se sentava na beira da cama. A suave luz acariciou-a, delineando sua coluna enquanto ela se esticava. Ela parecia mais esbelta do que quando ele a resgatou.

—Você não comeu. —Disse ele.

—Eu comi o suficiente.

—Vou pedir comida. É minha responsabilidade cuidar de você e eu...

De repente, ela se virou, movendo-se para encará-lo. —Eu sou responsável por mim mesma. Ontem à noite foi divertido e vamos provavelmente fazê-lo novamente algum dia, contanto que você me prometa que não vai perder a perspectiva sobre o que há entre nós. Sexo não é amor. Luxúria não é amor. Isso não é amor.

—Vou pedir comida. —Repetiu Rigel, sentando-se. Qualquer que fosse o feitiço em que estivera estava quebrado. —Você pode não estar com fome, mas eu estou.



Algum dia chegou muito mais cedo do que Lyra planejava.

Havia algo de erótico e gratificante ao ver os lábios de Rigel chupar distraidamente os minúsculos pedaços de frutas, puxando-os em sua boca como se ele não tivesse ideia sobre a natureza sedutora da ação. Cada minúscula pérola alaranjada, do tamanho de seu clitóris, rolava entre seus grandes dedos antes de ser colocada entre seus lábios, mordida pelos dentes, e depois sugada em sua boca quente e convidativa.

Era demais. Sua vagina doía, e seu clitóris palpitava em protesto, ciumenta. Ele chupou outra e ela estremeceu.

—Você está gostando disso? —Ela perguntou, ofegante.

Ele piscou de surpresa, olhando para cima de onde ele rolou um pedaço em seus dedos. Claramente, ele tinha pensamentos profundos. —Você gostaria de um?

Lyra se viu acenando com a cabeça. Ele levantou o prato para entregá-lo a ela. Ela inclinou-se sobre o sofá onde ele se sentou na extremidade e, em vez de ir para o prato, ela envolveu os lábios em torno de seus dedos e sugou o minúsculo pedaço. Explosão doce irrompeu entre seus dentes quando ela mordeu. Ela assentiu com a cabeça. —Humm, bom. Posso ver por que você gosta deles.

Felizmente, ela simplesmente deslizou um vestido sobre seu corpo nu, e sua vagina ainda estava livre para a exploração. Ela pegou um punhado do prato, bem ciente de que ela tinha sua atenção. Inclinando-se para trás de modo que seu cotovelo apoiasse na almofada, ela puxou sua saia e deixou uma perna cair ao lado do sofá. Com sua perna apontada para ele, ele assistiu com atenção arrebatada quando ela tomou a pérola minúscula e

trouxe para sua vagina. Ela puxou a saia com o braço, deixando-o ver quando ela inseriu um único pedaço sobre seu clitóris.

—Pegue outro. —Ela ofereceu.

Em sua pressa, ele derrubou o prato. Pequenas frutas de pérolas espalharam pelo chão e a louça quebrou em pedaços. Ela riu. Ele não parou. Suas mãos se encontraram com suas coxas, puxando-a para que pudesse inclinar a boca.

Com um gemido que começou antes mesmo que ele fizesse contato, ele roçou seus lábios para chupar o fruto em sua boca. Lyra ofegou ante o choque do prazer. Ela pegou outro de sua mão quando ele se afastou para estudar seu rosto. Ela novamente colocou ao lado de seu clitóris.

—Faça de novo. —Ela comandou mais que oferecida.

Ele o fez, e novamente, o breve franzir de sua boca provocou seu sexo. Quando ele se afastou, ela tinha uma pérola pronta e instantaneamente a colocou no lugar.

—Outra vez. —Ela respirou forte, inclinando seus quadris para cima.

Desta vez, ele não se afastou, tanto quanto antes e ela deslizou ainda outro pedaço no lugar. Antes que ela pudesse comandá-lo, ele sugou os dois. Lyra, incapaz de receber os beijos rápidos, deixou cair todos eles em sua vagina. Eles rolaram ao longo do sexo dela, alguns ficando na sua umidade, outros deslizando por suas coxas. Ele começou a beijar os que ficaram presos em sua vagina, sugando-os suavemente enquanto comia.

Depois que ele terminou, ele ergueu os olhos, expectantes. Malditos olhos. Eles penetravam nela.

Lyra separou seu sexo com os dedos e expôs seu clitóris. —Agora coma *minha* fruta.

O treinamento funcionou, porque ele moveu a boca contra o clitóris exatamente da mesma maneira. Quando ele se levantava, ela puxava sua nuca, sufocando sua boca contra seu sexo. Seus dedos a agarravam com tanta força, que certamente deixariam contusões, mas ela não se importava. O deixaria agarrar suas coxas, puxando sua boceta para sua boca. Ele gemeu e chupou, concentrando-se em seu clitóris.

—Lamba meu suco. —Ela ofegou. Sua língua larga deslizou sobre sua fenda. —Ah, sim, assim. Lamba. Certifique-se de pegar tudo.

—Coloque sua língua dentro do meu sexo. —Ela convulsionou contra ele. Ele começou a tocar levemente, e ela enterrou as mãos em seu cabelo. —Não pare. Lamba. Pegue tudo. Use os dedos para ter certeza.

Uma mão saiu de sua coxa para encontrar sua vagina. Ele empurrou dentro dela, balançando enquanto ele a chupava e lambia. A textura áspera de uma pérola rebelde rolava pressionada entre suas nádegas. Seu queixo deve ter batido nisso, porque sua mão deslizou para afastá-lo. Ela empurrou para cima, forçando o dedo molhado a deslizar no botão apertado de sua bunda. Ela resistiu ao estímulo. Ele a levou para mais do que ela pretendia, e com entusiasmo enfiou um dedo em seu traseiro. Seu dedo balançava, movendo-se como se estivesse em sua boceta. Ela sentiu que ele tentava forçar um segundo para se juntar ao primeiro, mas o aperto impediu tal manobra. Seu nariz empurrou para cima contra seu clitóris quando sua língua fodeu sua boceta. Foi tão bom. Ela agarrou seus seios negligenciados e apertou os mamilos através do tecido.

Seu clímax veio em ondas fortes. Quando ele não parou de lambê-la, ela foi forçada a empurrar sua cabeça para trás. Ele deu a ela um olhar significativo. —Mas você ainda está úmida.

—Oh, confie em mim. Isso é uma coisa boa. Eu deveria ficar molhada assim. Você fez muito bem.

Seu coração martelava. Seu dedo escorregou de sua bunda e ela fechou os olhos, gemendo de prazer. Ela sentiu seu peso mudar e assumiu que ele estava se levantando. Então, de repente, ela sentiu a ponta grossa de seu pênis ao longo de sua coxa. Ela abriu os olhos para vê-lo vir sobre ela. Seu rosto parecia determinado.

Com um forte empurrão, ele entrou nela, enchendo-a. Seus quadris moveram-se com um frenesi, construindo as sensações mais uma vez. Ela ofegou, gritando como se fosse quase demais o prazer. Ele se sacudi, entrando nela. Segundos depois, ele desabou contra ela, prendendo-a com seu corpo. O peso era reconfortante, e ela não o afastou. Ela estava muito fraca para tentar de qualquer maneira.



—Eu não posso te dar filhos.

Lyra piscou em confusão momentânea, olhando da cama para onde seu amante deitava de costas. Ela não pediu por crianças. —Tudo bem.

—Eu pensei que talvez você pudesse perguntar sobre uma coisa dessas. —Ele olhou para a cama, sem terminar.

—Fazendo sexo? —Ela completou, apenas para rir com a sua confusão antecipada. Era estranho como todos falavam a mesma língua, magicamente, ela supunha por falta de qualquer explicação melhor, mas o sarcasmo e as palavras provocavam confusão. —Devido a nossa extravagância? Dançando o hula-hula na horizontal?

—Não, eu falo de sermos amantes. —Ele esclareceu.

Lyra riu. —Meu erro.

—Eu pensei que você deveria saber sobre as crianças. Aidan me diz que essa é uma preocupação que as mulheres têm com seus amantes. —Ele fechou os olhos e aproveitou a oportunidade para estudar seu rosto.

—Você se acidentou? Ou adoeceu quando criança? —Perguntou.

—Em Ataran, as chances de você conceber um filho são poucas. —Ele respondeu, sem abrir os olhos. —Se você conceber é altamente improvável que consiga levar a criança até seu nascimento, e ainda menos provável que ele viverá além desse ponto. É parte de nossa maldição.

Lyra não sabia como responder, mas sentia-se decepcionada. Nunca pensara em crianças, sempre pensara que haveria tempo, algum dia, com alguém. E, se ela não tivesse filhos, seus irmãos eventualmente. A linhagem da família continuaria. Teriam celebrações gigantescas de Natal e Ações de Graças, cercadas pela próxima geração. Mas isso foi antes do naufrágio.

—Estou cansada. —Disse, virando-se para juntar-se a ele. Ela fechou os olhos com força, recusando-se a chorar mais uma vez.

Capítulo Cinco

Lyra deixou Rigel dormindo em seu quarto. Ela não imaginava que, depois do dia que lhe dera, ele estaria acordado por muitas horas. No palácio já era tarde, os corredores estavam escuros e com a quietude que uma residência onde todos dormiam poderia dar. Ela perambulou pelos corredores sem ver ninguém enquanto examinava distraidamente a decoração.

Sem saber para onde estava indo, e assumindo que se ela se desviasse para muito longe alguém a deteria e a traria de volta, ainda assim ela se aventurou em outra passagem. O salão estreitou-se e curvou-se, descendo em uma rampa. Ela franziu o rosto, preocupada, mas não parou seu avanço. As cores brilhantes do palácio desapareceram no que só poderia ser descrito como a melancolia cinzenta de uma masmorra medieval. Isso não fazia parte do palácio que o rei queria que ela visse. Então, sem pensar, era uma razão a mais para ela ir. Que segredos o povo Merr escondia sob sua superfície brilhante?

Um barulho alto e estridente ressoou à distância. Ela saltou em alarme, encostando contra a parede como se pudesse esconder-se. Ela ouviu, esperando. O barulho soou novamente, mas ninguém veio investigar o som. Seu coração batia a um ritmo acelerado, enquanto ela avançava mais para baixo. O medo agarrou seus membros e atingiu seu estômago.

Ela chegou a uma porta e ouviu as pessoas entrando. Metal raspando. O barulho ficou mais alto, seguido por uma série de pancadas.

—Estamos perdendo! —Gritou um homem.

—Pare com isso! Não o perca! —Respondeu uma mulher.

—Não vai conseguir. A injeção não está funcionando. —Exclamou outro homem. —Não há nada que possamos fazer, além de sair de seu caminho até que ele esteja morto.

—Não podemos deixá-lo. —Protestou a mulher. —Assim não.

—Não deixe que ele te toque. Já não é mais um Merr. —Disse um terceiro homem. —Eles não fizeram a transformação para forma humana. Fizemos tudo o que podíamos. Devemos nos concentrar em uma nova fórmula para os outros.

—Eles não se inscreveram para isso. —Insistiu a mulher. —Temos que tentar.

—Mais uma palavra e eu a removerei do projeto. —Novamente, a primeira voz. O homem responsável?

Os gritos se tornaram mais insistentes. Lyra arriscou uma espiada na estreita fenda de uma janela, para ver o que estavam falando. Uma criatura quase translúcida se debatia contra as correntes e barras de ferro. Se não fosse pela aparência aquosa de sua pele, ela teria imaginado que a criatura era metade tritão, metade humana. *Eles estavam tentando transformá-lo em humanos? Ela tinha ouvido pessoas referirem-se à "maldição" de estar debaixo do oceano. Eles estavam experimentando no pobre rapaz? Rígel sabia disso? Não era como se alguém a tivesse impedido de entrar na prisão. Certamente ele tinha que saber. Todo o palácio provavelmente sabia.*

Talvez esta seja a verdadeira razão pela qual os seres humanos eram trazidos. Eles eram sujeitados a teste para experimentos genéticos. Toda a população claramente queria sair da água, e eles estavam usando seres humanos para fazê-lo. *Quem mais estava aqui? Seus irmãos? O pai dela? Ou eles queriam mais Merr para povoar o mundo subaquático? Rígel disse que não poderiam ter filhos. Eles estavam tentando transformar humanos em Merr?*

Quase desesperada, ela correu para a porta ao lado e olhou para dentro. Uma figura translúcida estava em uma cama baixa, imóvel. Ele não parecia familiar. Ela correu para a próxima e a seguinte, encontrando-os vazios.

Depois que sua busca não revelou mais nada, ela voltou para a primeira porta. A criatura estava convulsionando no chão enquanto seus captores observavam em silêncio. Não era preciso ser um gênio para descobrir que o experimento genético estava morrendo.

Lyra não podia deixá-los saber que ela tinha visto o que estavam fazendo, e ainda assim ela não conseguia se afastar. A criatura tremeu mais

forte. A pele parecendo derreter seu corpo translúcido, juntava-se ao redor dele no assoalho, como a água que derrete de um cubo do gelo.

Tremendo, ela afastou-se da porta antes de correr de volta para a bela seção do palácio. Ela olhava por cima do ombro enquanto corria pelos corredores em busca de algo familiar.



Rigel acordou com um sorriso no rosto. Que permaneceu intacto enquanto ele rastejava para fora da cama e vestia roupas limpas. A esperança o encheu. Ele sabia o que Lyra dizia sobre ser sua amante e nada mais, mas não podia imaginar que o prazer que sentiam nos braços um do outro pudesse ser facilmente descartado. Certamente ela mudaria de ideia, se aqueceria com a ideia de uma eternidade com ele.

Seu otimismo durou enquanto ele a procurava por sua casa, mas quando ele olhou pela terceira vez no chuveiro para ver se ela estava se escondendo lá, sua esperança se transformou em preocupação. Ela estava longe de ser encontrada. Seus olhos se voltaram para a porta. Não era como se ele tivesse trancado. Lyra não era uma prisioneira, contudo nunca tinha deixado sua casa sem sua escolta antes.

Embora ele soubesse que não deveria se preocupar, não podia evitar. *Para onde ela tinha ido? Por quê?*

Pensou nela fora das muralhas da cidade. Ela tinha corrido para lá antes. Ninguém a deteria. *E se ela tentasse ir para a floresta e as olímpicas a capturassem?* A superfície não era o único perigo que o povo Merr enfrentava. As olímpicas, como se chamavam após os deuses do Monte Olimpo as denominarem, não queriam que os seres humanos fossem trazidos para Ataran, pois olhavam para a maldição Merr como uma bênção. Elas acreditavam serem deusas abaixo das ondas, abençoadas com a imortalidade e poder. Antes que as cavernas que levavam ao abismo fossem seladas, e todos fossem permitidos vagar livremente pelo oceano, as olímpicas foram apanhadas atraindo seres humanos para morte por um prazer doentio. Foi um tempo difícil para o povo Merr. A lealdade foi

dividida. Alguns até hoje ainda culpam as olímpicas pela maldição Merr por durar tanto tempo sem indulto. Havia aqueles que ainda acreditavam que um dia Poseidon desceria e os perdoaria, erguendo-os à luz do sol mais uma vez. Rigel gostava de acreditar nisso.

Se não fosse a floresta, e se ela se dirigisse para o norte em direção às montanhas? Não havia ameaça das olímpicas nas montanhas, mas o terreno era áspero. Ela poderia se perder ou se machucar.

Rigel não pensou, apenas agiu. Uma vez que o medo se apoderou, ele não podia raciocinar. Se ela fosse sua esposa, ele seria capaz de senti-la de um jeito que um amante não podia. Ele ouviria seus pensamentos e sentiria sua presença. Mas ela não era sua, e quando ele estendeu seus sentidos para ela, nada respondeu à chamada.



Lyra pressionou suas costas contra a parede do palácio, escutando enquanto os sons dos passos se apagavam. Os azulejos frios e duros deslizavam enquanto ela avançava. O corredor parecia familiar, mas então, isso era porque ele parecia com os outros salões que ela atravessou. Quando o silêncio retomou, ela afastou-se da parede e continuou até encontrar-se na entrada de uma sala retangular. Longas mesas ao longo do comprimento, dominando o chão. Elas estavam sem supervisão.

Lyra não pôde resistir. Uma coleção eclética de artefatos humanos estava disposta de forma desordenada. Elas atravessavam as eras, de âncoras para ganchos, para moedas datando da antiguidade. Os pedaços de um naufrágio foram postos no chão no canto, como se empurrados para posterior catalogação.

Ela andou em volta da mesa. Havia um velho relógio de bolso com uma corrente quebrada, e um rosto apagado ao lado do cabo de prata manchada de uma escova de mulher. Uma luva endurecida com botões delicados usava um grande anel de rubi. Havia pedaços de seda amarelada, vasos lascados, um busto grego, ferramentas de navegação enferrujadas,

talheres de estanho, peças de um candelabro de cristal e seções de armadura.

Crescendo em uma família de pescadores e marinheiros, ela sabia muito sobre naufrágios e conhecimento do mar. Estes pareciam os itens recuperados de um naufrágio. Por impulso, ela tocou o relógio. A superfície uma vez lisa estava granulada.

—Oh, olá, minha senhora. —Disse um homem. —Eu não esperava por você esta manhã, ou então eu estaria aqui para lhe cumprimentar.

Lyra endureceu, retirando rapidamente a mão da mesa.

O homem era mais magro que os outros Merr em estatura, com cabelos castanhos curtos e gentis olhos castanhos. Ele usava calças de lã soltas e uma camisa de lã mais curta. —Eu não quis assustá-la. Claro, estou satisfeito por você ter vindo. Tenho pedido a Rigel que te permita visitar. Temos tantas perguntas para você.

—Permite que eu o visite? —Ela repetiu incapaz de evitar a não franzir o rosto. —Preciso de sua permissão?

—Eles realmente não são tão bons em explicar as coisas, né? —Disse ele, mais para si mesmo. Então, quando se aproximou, ele acrescentou: —Eu estive aqui por tanto tempo que eu esqueci que você talvez não soubesse tudo o que tomamos por certo, mas verdade seja dita, eu tenho reaprendido bastante com vocês, as novas senhoras na residência. Quando eu disse que ele permitisse que você visitasse, não é que ele lhe dê permissão por si só, mais tipo ele... permite isso?

—Isso é uma pergunta ou uma reafirmação do fato de que eu sou uma prisioneira e você está tentando suavizar o golpe? —Ela endureceu por dentro. Lyra pensou na pobre criatura transparente aprisionada nas masmorras do palácio. *Era esse o seu destino? Eles haviam se referido uma vez que era Merr, mas o que isso significa realmente?* Ela precisava aprender mais.

—O fato de que ele é considerado seu guardião, significa que ele está no comando até que você decida casar. Senhor Rigel vai cuidar de você, e cabe a ele aprovar aqueles que procuram a sua mão. Só então eles serão autorizados a cortejá-la. Mas, não se preocupe você se acostumará com algumas das maneiras antiquadas de pensar. Ele te resgatou da água, então

ele é responsável por você. Tipo como a velha crença: *se você salvar a vida de alguém, a vida se torna sua responsabilidade. E a pessoa salva está em dívida com aquele que o salvou.*

Lyra arqueou uma sobrancelha e não disse nada.

Ele parecia esperar mais de uma reação do que ela lhe deu, então ele acrescentou: —Você pode escolher seu próprio marido. —Ainda assim ela não respondeu nada, então ele brincou: —Eles estão muito desesperados por mulheres. Você provavelmente pode levá-los a fazer o que quiser.

—Suponho que não poderia conseguir que um deles me carregasse de volta à superfície e me deixasse em uma ilha tropical, não é? —Lyra não tinha certeza de quem era esse homem. Ela tentou alocá-lo. Estava claro que ele pensava que se conheciam. Infelizmente para ele, ela não tinha prestado muita atenção durante os primeiros dias de apresentações.

As feições do homem entristeceram-se. —Não, desculpe, eles não disseram? Você nunca poderá voltar. Estamos muito abaixo da superfície do oceano e, bem, mesmo se você fosse levada de volta à superfície, nunca mais poderá respirar o ar da superfície.

—Então é verdade. Eu estou presa aqui. —Ela caiu contra a mesa, descansando suas mãos contra a madeira dura para suportar seu peso. Sua cabeça caiu enquanto olhava para um óculos enferrujado de armação de arame.

—Talvez se eu explicasse minha história ajudaria. —Disse ele. —Como bem sabe, meu nome é Aidan Douglass. Nasci em 1893 em uma província no sul da Escócia.

—Claro que nasceu. —Ela sussurrou, mais para a mesa do que para ele. Seus dedos trabalharam contra a madeira, mal sentindo a textura dura enquanto as pontas ficavam brancas.

—Eu era um estudioso, um historiador como você quiser chamar, no caminho para a África para explorar as grandes pirâmides e tentar escavar algum tesouro enterrado. A caça ao tesouro era todo o furor. Nosso barco, *Bella Donna*, foi atacado por baixo, por forças misteriosas, da mesma forma que o seu foi. Como não havia mulheres a bordo quando afundou, fui salvo e trazido para cá.

Lyra apenas balançou a cabeça e esperou que ele continuasse.

—Quando eu disse a Lady Bridget tudo isso, ela suspeitou que poderia ser uma viagem no tempo, mas não é. O tempo simplesmente não se move aqui como se move para nós no mundo superficial. Uma vez que seu corpo se acostumar a este lugar, você nunca ficará doente, e você nunca envelhecerá. Tenho mais de cem anos. —Ele se inclinou tentando pegar seus olhos. —Eu mesmo digo, os anos foram muito gentis comigo.

Lyra tentou rir educadamente, realmente tentou, mas o único ruído que conseguiu foi um breve ofego.

—Você não parece muito impressionada com isso. —Aidan se aventurou cuidadosamente. —Na verdade, você parece louca.

—Por favor, continue. —Ela disse através dos lábios apertados. Ela realmente não queria ouvir, mas sentia que precisava ouvir; finalmente ouviu. Esta era sua nova realidade e ela queria os fatos.

—Pelo que eu percebi, essa sociedade era o centro do mundo antigo. Governava grande parte da terra — Grécia, Itália, Egito, que era um império vasto na época. Naquela época eles eram conhecidos como os Atlantes, que conhecemos como a cidade perdida que caiu sob as ondas em um dia. A terra dos Atlantes prosperou com pouco esforço. Eram grandes guerreiros que nunca foram derrotados na batalha. Segundo a lenda Merr, eles foram abençoados pelo deus Poseidon. Se você não está familiarizada, ele era o deus grego do mar.

—Eu fui criada em uma família de marinheiros. Estou bastante familiarizada com Poseidon. —Disse Lyra.

—Maravilhoso! Temos que conversar mais tarde. Eu ouviria as atualizações feitas aos sistemas de navegação. —Aidan assentiu com entusiasmo, seu rosto animado de excitação. —Como eu estava dizendo, Atlantes. Como todas as grandes civilizações, o povo ficou arrogante com o poder. Naqueles tempos, a vida após a morte era um lugar sombrio, não como o céu que me foi ensinado. Com uma perspectiva tão triste de morte, tudo o que estas pessoas poderiam desfrutar era sua vida mortal. Então eles pararam de adorar Poseidon e começaram a adorar a si mesmos como deuses na terra. Eles se tornaram preguiçosos, tendo como tudo o que lhes tinham dado como garantido. Não havia mais batalhas para lutar, então eles invadiram seus vizinhos, levando mais do que eles precisavam. Um dia, o rei Lucius, depois de muito festejar e beber proclamou ao seu povo que ele se

recusava a morrer, porque nunca desejaria deixar o seu paraíso abundante na terra, que era mais belo do que o reino dos deuses.

—Tenho certeza de que tudo correu bem. —Disse Lyra.

—Como você poderia imaginar quando provoca a ira de um deus. Poseidon amaldiçoou a cidade por sua vaidade e amor egoísta. Ele lhes deu o que eles queriam. Ele concedeu-lhes a imortalidade, condenados para sempre a andar em seu paraíso terrestre e em nenhum outro lugar. Esta terra, ele mergulhou na água, prendendo-os para que eles nunca pudessem pisar no solo mortal novamente. Aqui, eles permaneceram no fundo do oceano, sua terra vagando sem rumo com as correntes. Agora somos parte dela, nunca poderemos sair.

—Seu discurso soa memorizado. —Lyra disse quando ele terminou. Ela respirou fundo e depois de novo. Ela parou de amassar seus dedos contra a mesa, mas não os levantou.

—Isso é porque eu o repeti várias vezes. —Admitiu timidamente. —E eu tive vários anos para praticá-lo.

—Eu suponho que você tem que dizer isso aos alunos ou algo assim?

—Não. As crianças são muito raras. Eu já ouvi falar delas, mas eu não as vi uma única vez desde que eu fui trazido. —Ele começou a ficar nervoso com os artefatos, avançando-os em uma direção e depois novamente para alinhá-los perfeitamente na mesa.

—Você disse que eu não poderia ir para a superfície? Por que não? —Lyra empurrou os óculos, seguindo seu exemplo.

—O ar mortal é uma das poucas coisas que podem matá-los.

—Eu não sou Merr. —Ela raciocinou. —Desde que um deles se transforme na forma de peixe e faça essa coisa de sucção labial, eu deveria ser capaz de sobreviver à subida. Se formos devagar, meu corpo deve ser capaz de se ajustar às mudanças de pressão como um mergulhador de profundidade.

—Eu deveria ter dito que o ar mortal nos matará. —Aidan esclareceu. —Uma vez que você é trazido, você não pode voltar para cima. Aliás, você sabe que eles são tritões? Você não precisa de mais para se convencer que é verdade?

—É meio difícil de esquecer isso, quando um peixe salva sua vida por sucção labial como algum tipo de aparelho de respiração. Eu fiquei acordada todo o mergulho. Eu tive muito tempo para me acostumar com a ideia do povo Merr. Foi uma longa viagem. Aparentemente, isso é estranho ou algo assim.

—Raramente. Nunca ouvi falar de alguém ficar consciente durante toda a viagem. Você deve me contar sobre isso com detalhe. Os outros vão querer ouvir a sua história.

—Não. —Lyra disse firmemente, pensando em sua família. —Nunca falarei disso.

—Mas, as pessoas vão... —Com seu olhar duro, ele deixou suas palavras sumirem e acenou com a cabeça em compreensão. —Eu gostaria que você pensasse em me contar sobre como o mundo mudou nos últimos cem anos. Ouvi dizer que os americanos receberam o licor de volta. Isso era um negócio estranho. Proibição. Contudo, confie nos descendentes dos puritanos para inventar estes absurdos. Estive passando por minhas revistas velhas desde que você chegou, tentando lembrar a vida como era. É verdade que eles realmente encontraram uma maneira de fazer os filmes falarem? Bridget tentou me dizer que as pessoas comuns podem até fazer suas próprias imagens em movimento com pequenos dispositivos portáteis e em cores. Mas eu não sou tolo. Não acredito nisso nem por um momento.

—Você pode acreditar em tritões e cidades subaquáticas amaldiçoadas por deuses, mas você não pode acreditar em câmeras de mão? —Desta vez, Lyra realmente riu.

—Eu não sei sobre essas coisas de câmera que você está falando, mas é inacreditável. —Ele gesticulou em torno deles. —E então isso é simplesmente ridículo.

Lyra pegou uma moeda. —Pelo menos parece que você encontrou seu tesouro.

—Nunca pensei nisso dessa maneira. —Disse ele, sorrindo amplamente. —Nós temos moedas dos vikings, fenícios, árabes e espanhóis. Mesmo de Cartago. Eles parecem ter feito um monte de limpeza durante a Idade Média. Eu penso que antes de nós, muitos dos seres humanos trazidos para cá eram daquele tempo.

Enquanto falava, Aidan caminhou até uma mesa com relíquias quebradas. Ele tocou levemente um livro encadernado de couro, um entre muitos. Alguns eram troncos de navio, entortados pela água. Havia alguns romances. Um, em particular, parecia ser um livro de romance de bolso, rasgado, da década de 1970.

Ele continuou: —Dizem que algumas das mulheres Merr costumavam atrair os marinheiros para a água e levá-los para baixo, embora eu não saiba o quanto dessas histórias são verdadeiras, uma vez que ninguém realmente fala sobre isso. Entretanto, explicaria como começaram os muitos artefatos pessoais, como as moedas e algumas joias. Isso também explica alguns de seus padrões de fala, tipo "meus senhores" e "minhas senhoras". A maior parte do que está aqui é de naufrágios.

—Eu posso ver isso.

—Eu posso ver o que você está pensando, e você não deve. Eles não são responsáveis por afundar os navios – pelo menos não desde a Idade Média, e aqueles foram tempos muito diferentes. Eles meramente coletam os destroços ao longo do fundo do oceano depois de ter havido um naufrágio.

—Então eu fui coletada? —Lyra franziu a testa.

—Não foi isso que eu quis dizer.

—Mas foi o que você disse. Eu fui salva porque sou mulher. Minha família está morta e eu não, porque sou uma mulher? Como eu deveria reagir a isso? —Lyra atacou. Ela tentou conter sua raiva, mas ela se infiltrou.

—Você perdeu a família?

—Eu perdi tudo naquela noite no mar. —Ela voltou sua atenção total para ele. —Já que você parece saber muito sobre minha situação, quero que me diga quem naufragou os navios.

—Eu... —Ele começou a balançar a cabeça.

Lyra bateu a mão na mesa, fazendo-a tremer. Aidan saltou protetoramente para seus artefatos, estendendo as mãos sobre eles como se pudesse protegê-los de seu súbito show de raiva.

—Quem naufragou os navios? Como é que os Merr sabem para onde ir e quando? Se eles não estão destruindo os navios, então eles devem saber

quem está. Quero respostas. Quem matou a minha família? —Quando a boca de Aidan abriu, mas não soltou a resposta que buscava, pegou os óculos de argola e segurou-os entre eles. Ele ofegou, se esticando como se para agarrá-lo quando ela pressionou seus polegares na parte central. Não precisaria muito para quebrar o metal delicado.

—Não, pare, por favor! Não são os Merr. É a scylla. O Merr sai para as águas para caçar e capturar as scyllas. Eles tentam parar a destruição, mas eles nem sempre podem ser bem-sucedidos. Eu tenho certeza que eles tentam salvar o maior número de seres humanos que podem. —Ele gesticulou para os óculos indicando que ela deveria colocá-los para baixo. Ela o fez, mas ela não os soltou. —Havia duas scylla na água na noite que seu navio afundou. Eles pegaram as duas.

Lyra relaxou a mão, deixando-a cair ao seu lado. Aidan suspirou visivelmente aliviado. —O que aconteceu com essas scylla?

—Você não precisa se preocupar com elas. Elas nunca sobrevivem.

Capítulo Seis

—A scylla que você trouxe de volta do oceano é o seu irmão.

Rigel olhou fixamente para Gregor, incapaz de processar as palavras do homem por um longo momento. Então, olhando para trás do cientista, para onde as scyllas eram mantidas em isolamento, ele perguntou:

—Tem certeza?

—Sim. A transformação de Nemus começou esta manhã. É ele. — Gregor esperou pacientemente enquanto Rigel processava a notícia.

—Temos certeza. Os perfis correspondem.

Rigel respirou fundo. Ele estava esperando, esperando, temendo que esse momento viesse. É claro que ele queria encontrar seu irmão, mas temia o que aconteceria a seguir. Com Nemus no oceano, sempre havia uma chance de encontrar uma maneira de transformá-lo de volta para o que ele era. —Você contou a Demon e Brutus?

—Estou indo agora. Há uma pequena janela se você quiser vê-lo. Eu não tenho que avisá-lo do que esperar. Ele está lá há muito tempo.

Rigel acenou com a cabeça. —E o outro?

—Denhu. Nossos registros mostram que ele nos deixou alguns anos antes de seu irmão. Ele começou sua transformação imediatamente, e nós o perdemos esta manhã. Não havia nada que pudéssemos fazer por ele. Ele era um dos mais rápidos. —Gregor fitou o chão. —Nós não sabemos por que a transformação acontece mais rapidamente para alguns do que para outros. Não há maneira de saber quanto tempo eles vão durar uma vez que os trazemos do oceano. Os cientistas estão estabilizando-o. Eu lhes daria uma hora. Depois disso, eles estarão esperando por você, assim que estiver pronto. Não há garantia de quanto tempo seu irmão estará lúcido.

Rigel assentiu. —Eu estarei lá logo. Tenho uma coisa que devo fazer primeiro.

Gregor deixou Rigel sozinho no corredor. Dividido entre ir ver seu irmão perdido e encontrar Lyra, ele não tinha certeza do que deveria fazer. Então, quando deu um passo para procurar nos corredores uma última vez por Lyra, de repente, parou. Se Nemus era a scylla que puxou do oceano então...

—Meu irmão é responsável pela morte da família de Lyra. —Ele sussurrou. Uma onda fria lavou seu coração. Se Lyra descobrisse a verdade... Se alguém lhe dissesse...

Rigel começou a andar com um novo propósito, desesperado para encontrá-la. Ele tinha que chegar até ela antes que alguém dissesse alguma coisa. Se ela soubesse, ele perderia qualquer chance que tinha com ela. *Mas, como ele não poderia dizer a ela?* Era a família dela. Ela tinha o direito de saber a verdade.

A culpa, como nunca antes sentira, o encheu. *O que ele faria?*



Lyra ouviu o incessante fluxo das palavras de Aidan enquanto andava mostrando seus tesouros. Os artefatos eram pouco místicos para ela, não como eram para ele. Embora seus pressupostos sobre alguns deles fossem cômicos – como sua incapacidade de acreditar no impacto tecnológico avançado dos computadores na sociedade da superfície, enquanto vivia em um mundo mítico usando a robótica avançada de ninfas de prazer.

Lyra começou a contar suas palavras em sua cabeça em vez de escutá-las. Cinco... quinze... cinquenta e dois ...

—Lyra.

Lyra endureceu ao ouvir a voz de Rigel. Havia uma seriedade em seu tom. Imitando o som, ela disse: —Rigel.

A demonstração de atitude deve ter atraído sua atenção, porque suavizou sua voz. —Estive procurando por você.

—Estou lhe mostrando os artefatos. —Aidan respondeu. —Eu esperava obter suas lembranças sobre a superfície assim que terminarmos a turnê.

—Tudo bem. —Disse Rigel. —Voltarei mais tarde.

Lyra franziu a testa ao tom dominante em sua voz. Ele a olhou como se quisesse ir até ela, mas depois se virou e saiu. Dando toda a sua atenção a Aidan, ela disse: —Então, o que você quer saber?

—Tudo. —Afirmou.

Lyra sentiu um pequeno nó de pavor em seu estômago com o entusiasmo daquela única palavra. Logo a emoção foi instaurada enquanto o homem continuava.

—Eu acho que devemos começar com todos os detalhes exatos que você se lembra de geografia. Eu tenho um mapa antigo desenhado, e podemos ir a partir dele. Então, talvez avancemos na ciência, medicina, política, aviação, astronomia, geologia, música, livros, você absolutamente deve cantar e recitar cada canção e livro que você se lembra. Você pode pensar que você nunca vai esquecer, mas depois de cem anos aqui, as cantigas não vêm tão facilmente como você poderia pensar. Oh, e devemos ter uma descrição completa de roupas, alimentos, saneamento, indústria...



Rigel sentiu seus irmãos se aproximando atrás dele. Por um longo momento, apenas o gotejamento constante e insistente de água sobre a pedra marcou o passar do tempo. Ele sabia que esperavam que ele entrasse no quarto primeiro, mas ele não tinha certeza se podia. Se ele visse Nemus, significaria o fim de sua busca. Enquanto seu irmão estava perdido no mar, ainda havia esperança.

—Talvez eles estejam errados. —Disse Brutus. Rigel olhou para trás. O preto de seus olhos cintilava para prata quando a luz os atingiu. Ele afastou seu longo cabelo preto de seu rosto, deixando-o cair em suas costas. Sua expressão melancólica acompanhou a de Demon.

—Eles não estão. —Demon soou resignado. —Os cientistas não cometeriam tal erro. Eles só viriam se tivessem certeza. —Quando seus irmãos não se moveram, ele os empurrou para dentro da cela do laboratório. Sua ação levou Rigel a se mover. Quando os três irmãos entraram na cela, eles voltaram sua atenção para o chão. Tinha sido um longo tempo, séculos, desde que tinham visto Nemus, mas a memória que carregavam dele ainda era forte.

Rigel não podia mais ouvir o som da voz de Nemus em sua cabeça, nem lembrar o aspecto exato de seus traços, além das representações que eles tinham dele no arquivo. A figura transparente, enrolada em uma bola, não o lembrava da família. No entanto, aqui estava Nemus, seu irmão.

Rigel estudou o rosto da scylla, vendo uma forma familiar em seu nariz e no ângulo de seu queixo. A pele translúcida era tão escorregadia quanto o oceano, úmido de uma eternidade na água. A sala cheirava ao mar, ao abismo profundo e à areia enlameada dos desfiladeiros. O azul das veias já começara a aparecer dentro da concha aquosa. Logo, outros órgãos apareceriam. Agora eram apenas mudanças estranhas de percepção, como uma água-viva presa com água sob a carne clara. Quando olhou fixamente no peito de seu irmão, viu um movimento vibrante onde seu coração estaria.

—Nemus? —Perguntou Brutus.

—Ele está acordado? —Demon franziu o cenho, inclinando-se para tocar a scylla. Sua mão deslizou sobre a perna de Nemus.

—Acho que não. —Respondeu Rigel. Ele também se ajoelhou para sentir a pele gelada e lisa. —Ele não se mexe.

—Eu não gosto de ver a scylla assim. Isso me lembra de gelo vivo. —Disse Brutus.

—E logo ele vai se derreter. —Acrescentou Demon.

Rigel podia não gostar do prognóstico, mas sabia que era o mais provável dos resultados. —Nemus? Você pode nos ouvir? Você se lembra dos Atlantes? Você se lembra da sua família? Eu sou Rigel, seu irmão. Somos todos seus irmãos. Viemos para recebê-lo em casa.

Nemus se sacudiu, vindo à vida subitamente. Ele caiu ao chão como um peixe fora da água, batendo e deslizando sobre a pedra. Um grito

horrível escapou de sua boca; um som rouco. Rigel e Demon saltaram para trás.

Três cientistas correram para a sala. Gregor puxou o braço de Demon.

—Vamos cuidar dele. Você pode visitar novamente mais tarde. —Ele encaminhou os irmãos para fora, para que eles pudessem tentar ajudar Nemus.

—Não preciso voltar. —Declarou Brutus. —Esse não é nosso irmão. Não mais. Eu me despedi dele séculos atrás. Nada de Nemus permanece nessa criatura.

—Talvez. —Acrescentou Demon, sem concordar nem discordar abertamente com seu gêmeo.

—Não importa o que ele se tornou, ele é e sempre será nosso irmão. —Disse Rigel. Ele pensou em Lyra e sua família, no que seu irmão tinha feito com eles. Uma dor agarrou seu coração e sufocou sua garganta, tornando difícil respirar. Nemus era seu irmão, e ele o amava. Mas ele também amava Lyra. Talvez ela não quisesse ouvir, mas ele a amava.

—Talvez. —Disse Demon após uma longa pausa. —Talvez.



—Eu juro que é verdade. —Lyra disse, repetindo a mesma frase que ela tinha sido forçada a pronunciar após o show de assombro de Aidan. —Existe uma coisa como um rifle submarino. Ele usa dardos de aço em vez de balas, e os barris são diferentes. É mais poderoso que a pistola subaquática, mas a pistola é mais fácil de manobrar.

Aidan sorriu enquanto escrevia notas em seu pequeno livro de pergaminho.

—O que mais? O que mais?

—Meu conhecimento sobre armas é bastante limitado. —Disse Lyra, olhando para a longa lista de itens que Aidan havia preparado para ela.

—Acho que a ciência é a próxima. Quanto aos derramamentos de óleo, eles têm uma bactéria comestível de óleo que eles podem usar. O cientista, chamado Chakrabarty, patenteou o micro-organismo. Acredito, e não me pergunte sobre isso, que esta foi a primeira patente concedida para um organismo vivo feito pelo homem.

—Organismo vivo feito pelo homem. —Aidan repetiu suavemente enquanto escrevia.

—Ok, acabei por hoje. Meu cérebro está prestes a explodir. —Lyra mentiu. Na verdade, ela estava cansada de pensar no mundo superficial. Seu irmão Will foi o único a contar a ela sobre Chakrabarty. Ele trabalhou para limpar um derramamento de óleo. Kristopher trabalhava num petroleiro e brincava com seu "*irmão hippie*", embora na verdade ele amasse mais os animais do que qualquer um deles. Kris foi quem a ensinou a mergulhar e como atirar com um rifle subaquático. Ela não tinha certeza de quão legal tinha sido aquela excursão.

—Lady Lyra?

Lyra piscou para a voz interrogativa. Ela não estava ouvindo. Aidan apontou para a porta.

—Eu vim por você. —Disse Rigel.

Seu coração pulou um pouco, quando ela olhou para ele, mas ela rapidamente escondeu a reação. Dando uma rápida despedida a Aidan, ela se virou para seguir Rigel. A aventura matutina a atingiu e ela bocejou.

—Você teve um dia agradável com Aidan? —Ele perguntou.

—Foi muito informativo. Ele tinha muito a dizer sobre o seu povo. — Disse ela.

—Ah? —Rigel parou de andar.

Lyra riu, provocando. —Você deveria estar com medo.

—Tenho motivos para temer o que Aidan disse? —Ele parecia como se quisesse voltar para enfrentar o homem.

—Não. —Lyra agarrou seu braço, rindo mais forte. Ele relutantemente deixou que ela o puxasse para trás. —Eu estava fazendo

uma piada. Deixa pra lá. Eu acho que você tem que ser uma pessoa superficial para ter humor.

—Meu medo a diverte? —Ele se afastou dela. —Eu não preciso ser do mundo da superfície para entender isso.

—Eu... —Ela começou confusa.

—Vá para nossa casa. Preciso conseguir uma audiência com o rei. —Rigel virou-se abruptamente para longe e a deixou olhando para ele.

—Era apenas um provérbio. —Ela sussurrou atordoada. Cansada demais para persegui-lo, e um pouco preocupada de que Aidan a encontraria sozinha no corredor e começaria a interrogá-la novamente sobre o mundo da superfície, ela correu de volta para o apartamento de Rigel. Entre o que tinha visto e o que tinha aprendido, Lyra tinha muito no que pensar.



—Depois que Nemus não estiver mais entre nós, eu gostaria de ter permissão para levar Lady Lyra para o norte. —Rigel se levantou diante do rei em seus aposentos, não parando para as sutilezas normais da conversa.

—Ela ainda não se ajustou? —O rei franziu a testa, deixando cair o pano de seda que estudava. Fez um gesto para que a costureira os deixasse em paz.

—Ela... —Rigel fez uma pausa, pensando em como melhor poderia fazer sua queixa. —Ela não entende as maneiras Merr. É meu desejo treiná-la antes que eu a solte entre a população.

—Uma resposta muito diplomática, Rigel. —Disse o rei. Ele riu. —Talvez eu tenha que ter cuidado, para que não venha atrás da minha coroa. Eu sempre pensei que você tinha os ingredientes de um líder em você.

—Sinto-me honrado, mas não quero ser rei.

—Você tem certeza? Por alguns dias eu me canso da coroa. Quando eu tomei o seu peso, nunca imaginei que seria forçado a carregá-la por toda

a eternidade. Ou, se eu imaginei, era tolo e jovem e não entendia a amplitude da decisão. —Lucius gesticulou para o lado em despedida, como se tais sonhos fossem meramente uma perda de tempo, e não valesse a pena considerar porque eles nunca poderiam se realizar.

—O nascimento decidiu o seu destino, não a decisão mortal. —Rigel tocou sua mão impacientemente, pensando em Nemus, pensando em Lyra, pensando em sua honra.

—Assim foi. E agora o destino decidiu dar-lhe uma pupila teimosa e um irmão perdido há muito tempo. —Acenando com a cabeça, o rei acrescentou: —Você tem minha permissão. Leve-a para o norte para as montanhas. Eu não gosto dos relatórios que eu ouço de seu comportamento no palácio. Quando ela não está forçando o silêncio sobre nós, ela está gritando com você. Eu não queria que ela manchasse a honra de um dos meus maiores caçadores. Isto é, suponho eu, a verdadeira razão pela qual você deseja levá-la, para que suas palavras não possam ser ouvidas novamente, retumbando em toda a sala de jantar?

Rigel acenou com a cabeça, lembrando-se de seus comentários sobre a morte de seu irmão. Se isso é o que ela realmente sentiu em seu coração ou não, é o que ela disse em voz alta. O fato de que o rei estava ciente disso também punha sua honra.

—Você é um homem honrado, Rigel. As palavras dela não mudarão minha opinião sobre você, mas sim, eu acho que você deveria levá-la embora.

Rigel acenou com a cabeça novamente e moveu-se para ir.

—Ah, e Rigel, sinto muito por ter ouvido falar do seu irmão. O oceano é um amante cruel. —O rei não se incomodou com a falsa esperança, ou desejar ver Nemus bem novamente, mas voltou sua atenção mais uma vez para seu projeto anterior.

Capítulo Sete

—Olá, Sr. Sensível, sentindo-se melhor? —Lyra levantou os olhos quando Rigel entrou, esperando que ele estivesse sozinho. Ele não estava. Atrás de Rigel havia dois homens muito altos e taciturnos. Pela aparência deles, eram gêmeos, pelo tamanho deles eram formidáveis, pelas expressões em seu rosto, eles não estavam divertidos com suas palavras.

—Lyra. —Rigel disse, seu tom pesado. —Você se lembra de meus irmãos? Eles estavam lá quando nós tiramos você do oceano. —Ele apontou seu polegar sobre um ombro sem olhar. —Este é Demon. —Ele apontou para o outro. —E Brutus.

Lyra se forçou a ficar de pé. —Perdoem-me, mas não, eu não me lembro. Os primeiros momentos foram um grande borrão. —Mesmo enquanto ela dizia isso, ela conseguiu um flash de olhos prateados na água e uma grande cauda preta brilhando em uma pitada de luz vindo do interior das cavernas de cristal quando eles entraram em Ataran.

Brutus arqueou uma sobrancelha, e ela percebeu que ela estava olhando para seu rosto. Sem preâmbulo ele disse: —Não há necessidade de lançar seus olhos para mim, minha senhora. Não estou interessado em uma esposa.

—Eu... —Ela ofegou. Rigel ficou rígido. —Mas, eu não estava... eu, ah...

De repente, Demon e Brutus começaram a rir. Suas expressões mudaram para uma diversão infantil instantânea. Ambos bateram nas costas de Rigel quando entraram em sua casa. Sem perguntar se podiam, eles foram em direção à cozinha para procurar comida. Não havia muito, mas isso não impediu sua busca.

—Engraçado. —Lyra murmurou sarcasticamente.

Os gêmeos riram entre si, falando em um meio-idioma que só eles pareciam entender. Rigel sentou-se ao lado de Lyra no sofá.

—Minhas palavras anteriormente não foram para lhe insultar. —Lyra disse calmamente. Ela sentiu seu corpo puxar para ele. Todas as dúvidas, medos e raiva pareciam derreter quando ele estava perto, apagando seu desconforto e enchendo-a com algo mais, algo muito mais profundo do que ela queria.

Ela não podia olhar para ele enquanto ele olhava para frente. Ela sentiu a presença de seus irmãos atrás deles. Uma mão roçou sua coxa, um gesto leve, mas que manteve sua atenção completa. Nervos enrolaram seu estômago e ela tinha a nítida impressão de estar com quinze anos novamente, a ponto de ser pedida por um menino mais velho para ir ao baile. Os nervos, a excitação, o formigamento juvenil, todos deram conta dela e sua respiração ficou presa em sua garganta, enquanto o coração lhe batia forte no peito.

Lyra tentou pensar em todas as coisas que deveria; as coisas lógicas que deteriam essa estranheza dentro de seu corpo. *Por que ela sentiu isso agora? De repente, em um dia tão comum em Ataran. Tão comum quanto um dia sob o oceano, em uma cidade amaldiçoada, poderia ser. Em uma sala cheia de risos e brincadeiras dos irmãos de Rigel?*

O dedo de Rigel deslizou sobre o dela, quebrando o entorpecimento deixado de seu mergulho interior. Ela não tinha percebido antes, mas ali estava ela, sentindo o dedo na mão dela como se fosse a primeira vez. Isso fez seu corpo doer: os seios, o estômago, as coxas e seu sexo. Apenas o riso deles a impediu de agarrar o rosto de Rigel e beijá-lo como ela queria.

Sua boca formigava. Era uma agonia. Seu dedo parou e ela pousou seus olhos sobre os dele. Ele parecia o mesmo. *Seria possível que somente ela estivesse sentindo todos os sentimentos que assaltavam seus sentidos?*

Ela puxou a mão sob a pretensão de olhar para a cozinha. Não importava. Ela ainda podia sentir seu toque.

Vendo seus olhos neles, os gêmeos pararam de falar e olharam para ela. Era difícil distingui-los, exceto por suas roupas. Brutus assentiu em sua direção e deu um olhar significativo para Demon, que por sua vez assentiu uma vez.

—Você deveria levá-la hoje à noite. —Disse Demon a Rigel.

—Me levar? —Lyra perguntou, olhando para o homem ao lado dela. Seu coração agitou novamente. —Para onde?

—Para ver... —Brutus começou.

—Não acho que seja uma boa ideia. —Interrompeu Rigel, se colocando em pé.

—Não? —Demon perguntou, arqueando uma sobrancelha.

—É uma questão de família. —Insistiu Rigel.

—E ela não é da família? —Brutus desafiou. —Você é o seu guardião, dando a proteção de nosso nome de família, e se não me engano, em breve você a anunciará como sua esposa.

—Esposa? —Foi a vez de Lyra ficar de pé.

—Vocês foram vistos. —Demon deu um arisadinha, antes de dizer: —Fora das paredes do castelo.

—Brennus e Vitus não foram muito silenciosos sobre sua viagem meio nua pelo corredor. —Acrescentou Brutus. —O rei nos pergunta frequentemente quando você vai fazer o anúncio.

—Vamos fazer um anúncio hoje à noite? —Lyra estremeceu. Por que a ideia de ser a esposa de Rigel não era tão repulsiva quanto deveria ser?

—Não. —Respondeu Rigel sem rodeios. —Não haverá nenhum anúncio. Lyra e eu temos um acordo entre nós.

Desta vez, as expressões dos gêmeos não eram tão alegres. Brutus perguntou: —Então não haverá casamento?

—Não. —Respondeu Rigel.

—E você concorda com isso? —Demon perguntou, chocado.

Lyra suspeitou que se ela alegasse que não, ambos os irmãos seriam forçados a defender sua honra contra Rigel. Não querendo ver uma briga fraternal, ela acenou com a cabeça. —Sim, eu concordei.

—Se eu soubesse que era uma opção, eu teria colocado o meu lance em você. —Demon murmurou. —Aidan nos levou a pensar que todas as damas da superfície querem casamento.

—Damas? —Repetiu Lyra. —Sim, isso soa como Aidan.

—Talvez Cassandra também esteja em busca de um amante. —Disse Brutus. —Se Iason a trazer de volta do campo, podemos perguntar a ela.

—Não se incomode. Não há nenhuma maneira dela escolher você. Eu sou o gêmeo mais bonito. Todo mundo sabe disso. —Disse Demon.

—É isso que sua ninfa do prazer lhe diz? —Brutus brincou.

Lyra fechou os olhos, e por um momento pôde imaginar que eram seus irmãos conversando, brincando uns com os outros. A dor voltou. Ela respirou profundamente e abriu os olhos. Suavemente, disse a Rigel: —Vou me deitar e descansar.

Ele estudou seu rosto e assentiu. —Sairemos, para que não a acorde.

Depois de dizer as coisas costumeiras que esperavam dela para seus irmãos, Lyra lentamente entrou no quarto e fechou a porta.



Rigel se perguntou o que havia de errado com Lyra. Em um momento ela olhava para ele como se tivesse duas cabeças, no próximo, como se quisesse beijá-lo e, um segundo depois, como se ele fosse o único homem no mundo, e ela não pudesse fugir rápido o suficiente. Com todos os seus séculos e ele não parecia entender nada sobre as mulheres ou era apenas Lyra?

—Você deveria segui-la. —Disse Brutus.

Rigel olhou para seu irmão, inseguro.

Demon concordou com a cabeça. —Você deveria.

—Você não tem comida aqui? —Perguntou Brutus, voltando para a cozinha. —Não é de admirar que sua protegida seja tão magra. Você não a alimenta.

—Todas as pupilas deste naufrágio são magras. —Disse Demon. —O que aconteceu com as mulheres que você podia segurar?

—Eu posso segurar Lyra muito bem. —Rigel defendeu.

Os dois gêmeos começaram a rir. Demon dobrou-se sobre o balcão, batendo nele com a palma da mão. —Muito fácil, muito fácil...

—Você é tão fácil de ler, irmão. Vá até ela. Faça-a nossa irmã para que possamos ser libertados pelo rei para voltarmos para o oceano. —Brutus agarrou Demon pelo braço e empurrou-o para a porta da frente. —Você sabe que não nos faz bem estarmos sem o oceano por muito tempo.

—À caça. —Disse Demon, levantando o punho no ar.

—À caça. —Repetiu Brutus, mais alto e com mais força.

—À caça. —Concordou Rigel, levantando a mão, embora não tão entusiasticamente.

Quando a porta se fechou atrás deles, Rigel suspirou e olhou para a porta do quarto. Contemplou se deveria ou não entrar. Então, pensando em Lyra na sua cama, seu corpo suavemente esparramado e convidativo, ele não conseguiu não ir até ela.

Ela descansava deitada de bruços. Sua cabeça virada para a parede oposta. Ele podia vê-la respirando assim que entrou no quarto. Não querendo acordá-la se ela estivesse dormindo, ele discretamente tirou suas roupas para ficar confortável, e deslizou na cama ao lado dela. Ele ignorou o fato de que seu corpo a queria. Em vez disso, ele estava contente em segurá-la suavemente contra o peito, na esperança de que ela nunca o deixaria soltá-la.

Assim que seus olhos estavam prestes a fechar, ela se virou para encará-lo. Olhos fixos olharam para os dele. Sem dizer uma palavra, ela ergueu a boca para beijá-lo. A carícia era doce, gentil, e despertou um poderoso anseio dentro de seu peito. Havia tanto que ele queria dizer, fazer. O segredo que guardava dela, de seu irmão Nemus e do que acontecera na noite em que a resgatou na água, parecia uma mentira. Ele estava deliberadamente mantendo-a longe disso, então, poderia muito bem ser uma mentira.

Então havia o que estava em seu coração. Oh, como ele a queria! Queria amá-la, adorá-la, ser amado por ela. Ele queria tanto essas coisas que seu peito doía e seus ossos enfraqueciam. Se ao menos ela dissesse. Se ao menos ela fosse sua esposa. Se ao menos ela lhe desse alguma dica sobre como conquistá-la.

Sua língua rolou contra a dele, leve e suave, tão sem pressa quanto suas mãos moviam-se vagarosamente para cima e para baixo em sua coxa nua. Ela fez pequenos movimentos, avançando os quadris para mais perto. A ponta de sua excitação roçou seu estômago, enviando um choque de desejo para baixo, em seu pau já duro. Precisando de mais, ele segurou sua bunda e puxou-a para frente. A pressão total dela contra seu pau o fez gemer em sua boca. O intenso prazer o encheu.

Ela cheirava a doce, e seus lábios tinham o sabor de frutos carnudos. Ele lambeu a sua boca e foi recompensado com um suspiro trêmulo. Ele balançou seus quadris nos dela. O comprimento nu de sua excitação enredou-se em suas roupas. Os dedos corriam por suas costas, escorregando como água pelos vales de seus músculos. Sua bunda ficou tensa enquanto ela subia de volta. Lyra segurou sua bunda puxando-o para frente.

Suas pernas moveram-se quando ela começou a tirar suas roupas. Quando a carne nua de sua boceta deslizou ao longo dele, ele gemeu. Ele não podia resistir. Rigel tinha que provar mais, sentir mais, ver mais. A aflição surgiu dentro dele. Seus lábios moveram-se sobre seu pescoço, arrastando beijos ao longo do calor de sua pele.

Rigel manobrou-a de costas, prendendo-a sob ele enquanto ele colocava suas pernas entre as dela. Um peito macio e redondo apareceu de baixo do material. A textura de seu mamilo esticava contra o vestido. Ele roçou sua boca contra ele, balançando sua língua para frente e para trás sobre o bico ereto.

Ele não conseguia se conter. Sua proximidade sugava sua energia. No início, ele lutou, não querendo se abrir assim, mas logo não se importou.

Seu beijo tornou-se mais firme, como se estivesse desesperada para prová-lo. Ela mordida os lábios dele, não machucando, mas não muito gentil também. Lyra gemeu. Suas pernas balançavam incansavelmente contra ele, apertando suas coxas antes de se separar e se oferecer.

A ereção de Rigel bateu contra ela. Segundos depois, ele encontrou a abertura lisa de seu desejo. A lembrança da umidade, o buraco apertado de seu sexo, chamou o conquistador dentro dele, e ele teve que pegá-la.

Ele estendeu a mão, encontrando sua vagina molhada e pronta. Seu dedo deslizou nas dobras apertadas, roçando para cima e para baixo ao longo de sua fenda. Ela tremeu quando passou por seu clítoris. Ele esfregou

seu sexo várias vezes, empurrando um dedo dentro dela antes de puxar rapidamente para trás.

Rigel guiou seu pênis para a abertura. Sua excitação deslizou contra o aperto de sua boceta, antes que ele empurrasse, enchendo-a completamente. Sua mão agarrou seus quadris, incitando-o. Ele apoiou seu peso com uma das mãos, e com a outra tocou seu peito. Ele a acariciou através do tecido que o bloqueava. Embora quisesse carne, havia algo sexy na maneira impaciente como suas roupas eram jogadas sobre seu corpo. Ela apertava em alguns lugares e soltava em outros. Ela não pareceu notar.

Seu mundo tornou-se uma onda de sensações – sua coxa contra as dele, seu sexo molhado, a suavidade de sua respiração, o calor de sua pele, a pressão de seu corpo. Suas unhas roçaram suas costas e sua bunda, arranhando sua pele. Doces ruídos escaparam de sua garganta.

Ele moveu seus quadris, levando devagar. Seus lábios se encontraram. Ele não tinha certeza se era dele ou dela. As mãos de Lyra passaram por seu cabelo, segurando-o para ela. Suas línguas acariciavam-se, imitando o impulso de seus corpos. A tensão construía-se, mas ele segurou não querendo que terminasse muito cedo. Ele esperou para senti-la tremer contra ele quando ela gozasse.

Lyra ofegou e soltou um grito eroticamente feminino. Seus dedos cavaram em seus ombros quando ela ficou tensa. O corpo de Rigel respondeu ao dela. Ele gozou, sacudindo seus quadris enquanto se soltava.

—Lyra. —Ele sussurrou, sem saber o que dizer.

—Não. —Ela respondeu. —Apenas feche os olhos e durma comigo.

Capítulo Oito

Lyra não tinha certeza do que a fez escapar da cama de Rigel nas primeiras horas da manhã e deixar sua casa, mas foi isso que ela fez. Ela não conseguia tirar a imagem do homem torturado de seus sonhos. E seguiu para as portas do laboratório com alguma dificuldade, e ficou aliviada ao descobrir que o homem estava sozinho na sala.

Ela não sabia o que a possuiu, mas, de repente, ela estava puxando a porta em um esforço para abri-la. E se fosse seu irmão? O pai dela? Não se parecia com eles, mas então o corpo ficou transparente e se tornou difícil detectar as características.

O pensamento frenético lhe deu esperança. Em algum lugar, ela sabia que a esperança era inútil, mas ela se agarrou a ela. Ela precisava. Lyra puxou com mais força. Ela não tinha certeza de como, mas a porta estava, de repente, aberta.

—Papai? —Ela sussurrou. —Will? Jack? Kris? Rocky? Winston?

Nenhuma das palavras fez com que o ser se mexesse.

—O que eles fizeram com você? —Ela se ajoelhou, tocando a carne molhada do homem. Ela viu a forma de seus braços e pernas, notou a força definida em seus braços. Parecia sólido, liso e firme. —Como posso ajudar?

O homem se mexeu e ela pensou que ela o ouviu falar. —Oceano.

—Oceano. —Repetiu ela. Não sabendo o que mais fazer, ela disse: —Ok, eu vou levá-lo para o oceano.

Os dois guardas provavelmente estariam na abertura das Cavernas de Cristal, mas ela poderia distraí-los com bastante facilidade. Eles estariam ansiosos por algum tipo de ação, considerando que ninguém jamais tentou fugir de Ataran. Se ela lhes falasse que Rigel precisava deles, correriam em seu auxílio sem questioná-la. Então, ela poderia ajudar o homem na água.

—Oceano. —Ele disse novamente.

—Eu estou tentando. —Ela puxou seu braço para levantá-lo. Ele não ajudou enquanto apoiava suas pernas e o levantava contra suas costas. Suas pernas tremiam, mas ela tinha um propósito, e ela não ia parar. Nisso ela não estava desamparada. Ela poderia ajudar este homem. Tinha que ajudá-lo, porque se sentia ligada a ele. Ela não podia explicar.

—Espere. —Ela disse em voz baixa, enquanto seus pés subiam lentamente as escadas. Seu corpo suave. Suas pernas tremiam. O corpo molhado do homem embebia seu vestido, tornando mais difícil de segurá-lo. —Aguente.

Quando ela deu um passo, de repente, a carga aliviou enquanto água inundava todo o seu corpo. O homem se dissipou como um respingo gigante. A mudança repentina desequilibrou Lyra, e ela caiu para frente. Suas mãos atingiram o chão com força. Por um momento, ficou de pé, molhada e tremendo ao perceber o que tinha acontecido. O homem se foi, derramado em uma poça no chão, drenando atrás dela pelo corredor. Vendo um bloco duro de gelo no chão, ela automaticamente o alcançou. Seu coração, talvez? As pontas de seus dedos tocaram a pedra fria.

Os pés de Lyra deslizaram novamente. Ela perdeu o equilíbrio e caiu. Seus braços se agitaram enquanto ela tentava impedir sua queda. O ângulo de seu corpo era muito estranho, e ela bateu a cabeça no chão. Por um momento, ela estava completamente consciente, mas, então, foi como se uma luz estivesse desligada e sua mente vagasse para o nada.



Tudo estava escuro. E frio. Tão frio.

Lyra sentiu algo roçar em seu braço, depois em sua perna, mas ela não podia ver, não podia sentir além das correntes que a puxavam. Os sonhos escuros eram implacáveis, como a pressão do oceano em seu mergulho para baixo. Ela podia respirar, podia abrir os olhos, mas não podia ver além das minúsculas partículas de luz dançando ao longe, não conseguia mover-se para lutar contra a corrente que a puxava assim.

Lyra ofegou, voltando a consciência. Ela acordou sentindo como se seu corpo tivesse sido pisoteado por cavalos, afogado, e então jogado para o fundo de um navio de madeira. A superfície dura sob suas costas causava-lhe dor em suas panturrilhas e parte inferior das costas. Sua cabeça latejava e ela gemeu fracamente. Um som fez seu corpo parar abruptamente. Foi quando ela percebeu que estava se movendo.

Piscando fortemente por causa de uma luz brilhante, ela ergueu uma mão trêmula e a segurou sobre seus olhos. Uma figura moveu-se lentamente entrando em foco. Rigel.

Ele estava vestido com uma túnica. Que caía até suas coxas, mostrando suas pernas nuas. Seus braços e um ombro também estavam nus. Seu coração acelerou ligeiramente, enquanto seus olhos vagavam pelos fortes músculos da parte superior do seu corpo. Apesar da dor em seu corpo, sentiu seu apetite sexual. Sua vagina pulsava com necessidade com a umidade entre suas coxas. Ela estava faminta por ele.

—Logo iremos para a casa de campo. —Disse ele. —Você acha que pode andar?

Lyra tentou se levantar, mas seus braços tremiam e ela caiu para trás.

—Fique aí. —Rigel virou-se e levantou duas alças sobre seus ombros. Seu corpo moveu-se enquanto ele puxava uma espécie de carroça que estava adiante. Ele começou a correr, levando-a por um caminho desigual. Eles subiram um declive. O suor em suas costas aderiu ao tecido de sua túnica à sua pele.

Demorou um momento, mas finalmente concentrou a atenção de seu corpo para a paisagem circundante. Os picos das montanhas os cercavam completamente. Acima dela, ela notou que a cúpula superior da cidade subaquática estava muito mais próxima. Ela podia ver o contorno de peixes grandes enquanto eles nadavam. Ainda não estava perto o suficiente para tocar, mas a visão tornava sua nova vida ainda mais real – se ela precisasse de um lembrete.

O caminho endireitou-se, nivelou-se, e seu ritmo diminuiu. As árvores substituíram as montanhas, conduzindo-a a uma casa de pedra. Colunas romanas erguiam o telhado sobre um longo pórtico. Ela estendeu a mão para os lados da carroça e se ergueu. O gramado estava aparado e a casa bem conservada.

—Onde estamos? —Ela perguntou.

—Esta é a minha casa de campo na fronteira. —Respondeu Rigel.
—Achei melhor trazer você até aqui...

Ela franziu o cenho diante de sua hesitação. —Para?

—Para se recuperar do seu incidente. —Disse ele.

—Meu incidente? —E então ela se lembrou. O homem transparente tinha explodido em uma poça, enviando-a para o mundo dos pesadelos em que estava presa. Ela estendeu a mão para a cabeça, procurando por um inchaço onde ela havia batido. Não havia um. —Há quanto tempo estou inconsciente?

—Uma semana. —Rigel novamente parecia desconfortável, e ela sabia que ele deveria querer perguntar o que ela estava fazendo. Ele não perguntou, e ela não ofereceu nenhuma confissão. —Aqui. Vou ajudá-la a entrar. Eu mandei um comunicado para deixarem os quartos preparados. Já faz algum tempo desde que eu estive aqui, mas a roupa de cama deve estar limpa, e deve haver comida na cozinha.

Rigel estendeu a mão para dentro da carroça para levantá-la. Ela estava suando por causa de sua longa viagem. Ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço, enquanto olhava onde eles estavam. Não havia nenhum sinal do palácio ou da cidade, mas sim de um vale montanhoso. Ela sabia que provavelmente poderia ter andado se ela realmente quisesse, mas ele se ofereceu, e seu corpo estava violentamente dolorido.

—Eu estive doente? —Perguntou ela.

—Muito. —Ele respondeu. —Althea, a Curandeira, cuidou de você o melhor que pôde, e achamos melhor deixar você dormir. Você está se sentindo melhor?

—Melhor do quê? —Ela murmurou. —Aparentemente, eu estava dormindo.

Ele parou de andar.

—Sim. —Ela respondeu mais alto do que precisava. Com sua cabeça descansando perto de seu ombro ele podia ouvi-la bem. —Eu me sinto melhor. Obrigada.

As colunas se estendiam por ambos os lados, apoiando o telhado e protegendo o pórtico. Rigel tentou abrir a porta. A casa estava destrancada, e ele a carregou para dentro.

A porta da frente conduzia a uma entrada pequena. Além disso, havia um grande átrio com paredes e pisos de mármore. Além de alguns bancos, o átrio era estéril. Havia uma abertura no teto, deixando ar fresco entrar na casa. Vendo uma piscina abaixo da abertura, ela concluiu que recolhia a água da chuva também.

—Você dever ficar à vontade aqui. —Disse Rigel. —Você é livre para ir onde quiser.

Ele a levou para um jardim coberto com caminhos de pedra e plantas muito negligenciadas, cobertas de vegetação. Alcançando uma porta larga, ele a acompanhou e a levou para uma cama. Rigel colocou-a sobre as cobertas. Instantaneamente, seu corpo afundou na cama confortável. Ela suspirou de prazer.

—Vou pegar comida para você. —Ele disse enquanto a deixava.

Lyra assentiu, embora não pudesse ver. Estirando-se, ela rolou de lado e fechou os olhos.



Rigel ouviu a respiração suave de Lyra e soube que ela dormia. Fechando a porta do quarto para deixá-la em paz, ele caminhou de volta para a cozinha para colocar a bandeja de comida que ele tinha feito para ela. Assim que ele estava prestes a sair, ele mudou de ideia e pegou o prato e levou-o para fora com ele.

Colocando-o sobre uma pedra de oferenda, ele fez uma oração rápida. Fazia muito tempo que ele não fazia tal coisa. No início, quando eles desceram, ele orou para que o país voltasse à superfície. Então, orou para que Nemus voltasse inteiro. Agora, ele rezava para que Lyra retornasse o amor que ele sentia por ela. Ele sabia que as duas primeiras orações não foram atendidas. Nemus estava morto, embora o visse de novo. Eles estavam debaixo d'água, embora ele conseguisse ver a superfície sob as

ondas como um caçador. Pensando nisso, Lyra não parecia animada com a ideia de estar com ele por uma eternidade, embora ela o permitisse em sua cama. Talvez ele precisasse ser mais específico em seus pedidos aos deuses. Ou talvez fosse hora de parar de sonhos tolos.



O estômago de Lyra roncou tão alto que a acordou de seu sono. Ela piscou quando se sentou na confortável cama, para encontrar Rigel sentado no colchão ao lado dela. Ele segurava um prato de comida no colo e um pedaço de fruta na mão. Tendo a atenção dela, ele gesticulou para a comida. Não precisou perguntar duas vezes, ela pegou um grande pedaço de peixe, e rapidamente empurrou o bocado em sua boca.

Gemendo suavemente enquanto comia, fechou os olhos. —Eu sinto como se não tivesse comido por um ano. —Ela estava pegando mais antes mesmo de engolir a primeira mordida. Rigel colocou o prato mais perto dela, e a observou enquanto comia cada pedaço.

Quando terminou, disse: —Eu estava preocupado com você. Althea me assegurou que você se curaria, mas eu fiquei preocupado quando você não acordou.

—O homem está morto? —Perguntou ela.

—Não era um homem. Ele era chamado de scylla. —Rigel franziu o cenho. —Você não deveria tê-lo tirado da cela dele.

—Eu não poderia tê-lo deixado lá. Estava morrendo. —Lyra esticou os braços sobre a cabeça, ainda um pouco sonolenta, apesar de sua longa soneca.

—O rei não está satisfeito com sua interferência. Trabalhamos duro para garantir que os scyllas sejam retirados do oceano. Se você tivesse conseguido cumprir sua missão tola, poderíamos ter passado os próximos cem anos tentando rastreá-lo novamente.

—Não estou preocupada com o rei. —Disse ela, distraída. —Os homens não me assustam. Posso me livrar do problema com bastante facilidade.

—Ele está muito zangado.

—O rei vai superar isso. —Disse Lyra, sem saber o que a estava deixando tão confiante. —Especialmente quando eu falar a ele sobre o feitiço que estava sobre mim. No segundo em que toquei aquela criatura, o senti. Eu me senti mal por ele. Senti seu vazio. Ele estava perdido e assustado, e eu estava tentando ajudá-lo. Ele queria ir para o oceano, e seu desejo de ser livre me encheu.

—Mas...

—E você vai me proteger. —Ela disse, sorrindo. Lyra decidiu que era melhor não lhe dizer o que ela pensava antes de ir resgatar o scylla de sua prisão. Ele não precisava saber sobre suas suspeitas infundadas, ou suas acusações mentais. —Você tem que me proteger. Eu sou sua pupila.

—Sim, mas ele é o rei.

Lyra sorriu, batendo os cílios. —Você está dizendo que o escolheria ao invés de mim? —Ela deixou sua mão deslizar para frente em seu peito. De repente, ela não se sentia tão cansada. Ela gostou do modo como sua respiração se deteve e seu coração acelerou. Ele sempre respondia a ela, e o fato a fez querer mais. Seus lábios se separaram quando ela se inclinou mais perto de seu rosto. —Quem você escolheria?

—Eu escolheria você. —Ele disse sem hesitação, inclinando-se para frente para fechar a distância entre suas bocas. Seu beijo foi profundo e apaixonado. Sua língua deslizou ao longo de seus lábios, separando-os. Ela se abriu naturalmente para ele, sem sequer pensar em resistir. Seu gosto familiar instou seu corpo para mais perto.

As mãos de Rigel massageavam suas costas em pequenos círculos. Ela gemeu com o prazer relaxante de seu toque.

—Então eu aceito. —Ela respirou, sem olhar para ele.

—Aceita? —Ele parou em seu beijo.

—Leve-me. —Disse ela. Estar com ele parecia certo.

Logo as mãos encontraram a carne, desfazendo todos os obstáculos enquanto eles se juntavam. Ele capturou seu mamilo, chupou-o em sua boca. Sua língua girava em torno da ponta ereta em pequenos círculos agonizantes. Lyra gemeu. Ela passou as mãos em seu cabelo enquanto seu corpo trabalhava incansavelmente contra ele. Suas unhas raspavam levemente em seu couro cabeludo antes de se deslocar até seu ombro.

Sua boca percorreu seu corpo, espalhando beijos leves sobre sua carne. Ele manobrou seu corpo sobre o dela, deslizando entre suas pernas abertas. Rigel apoiou as coxas com as mãos, abrindo-as. Lentamente, ele puxou seu sexo para sua boca, provocando-a com a respiração e beijando-a.

Ela empurrou seus quadris para cima, incitando-o a se apressar. Ele não se apressou, ao invés disso, levou o seu tempo. Suas mãos moveram-se para cobrir seu traseiro. Lyra sacudiu, gemendo suavemente com o prazer. Depois do que parecia uma eternidade, sua boca fechou sobre seu sexo. Ela gritou quando sua língua girou sobre seu clitóris. Seus dedos se aventuraram ao longo das dobras macias de sua vagina, separando-as enquanto ele os empurrava para dentro.

—Venha aqui. —Ela exigiu, puxando-o para cima em seus braços.

Ele apoiou seu peso em suas mãos, pressionando seu corpo ao longo do dela. Seu calor a aquecia, enchendo-a com um formigamento promissor. O gosto de seu desejo estava em seus lábios enquanto a beijava mais uma vez. A extensão total de sua paixão em sua coxa quando ele empurrou seu quadril para frente, penetrando seu corpo, a fez endurecer imediatamente.

—Sim. —Ela gemeu. —Sim, sim...

Ele empurrou. Seu corpo enchendo-a, esticando-a. Eles foram instantaneamente levados a um ritmo frenético. Cada segundo tornou-se uma sensação, um prazer. Cada estocada tornava-se uma eternidade dentro de um momento. Quando ela gozou, Lyra gritou, e o som de sua voz se misturou com a dele. Era isso que ela queria. Ele era o que ela queria.

Isso era uma perfeição.

Capítulo Nove

Toda vez que ela fechava os olhos, a frieza a dominava. Ela a consumia e a chamava, a fazia querer ser parte dela, mesmo quando sua alma doía para ir para casa. Ela tentou lutar contra isso, mas a corrente era muito forte, infinita demais. Não havia fim para ela, nenhuma esperança, ninguém para conversar. Sentiu a vida além da escuridão, mas permanecia além de seu alcance. E então, havia um tom de esperança. Ela sentiu vibrações na escuridão, um sinal de vida vindo de cima. Ela estendeu a mão para ela, moveu-se para ela, tentou agarrá-la.

Seu corpo caiu em uma superfície dura, mas em vez de agarrar firme, deslizou por ela. Apontou para ela novamente, e novamente caiu e escorregou. As vibrações ficaram mais fortes, espalhando-se ao redor dela. Ela a alcançou novamente, e novamente, e novamente, mas era impossível. Quanto mais ela tentava conectar-se, mais impossível era, até que as vibrações paravam e ela sentia-se pior do que antes.

Lyra ofegou, sentando-se na cama. Os sonhos assombravam-na, e por um momento ela não sabia onde estava. Uma mão morna acariciou sua coxa, e instantaneamente a frieza a deixou.

—Você chuta no seu sono. —Rigel disse.

Ela estava feliz por ele estar lá. Sem pensar, ela se aconchegou em seu calor. —Eu continuo sonhando que estou presa na escuridão. Como quando mergulhamos, só que estou sozinha e ao capricho das correntes, até que sinto uma vibração. —Ela deu um pequeno bocejo. —Eu continuei batendo meu corpo em algo duro, tentando segurar, mas eu não conseguia entender.

—Nemus. —Ele sussurrou.

—O quê? —Ela perguntou, sem entender.

—Ouvi dizer que quando a scylla morre, eles podem imprimir parte de suas memórias sobre a pessoa que eles tocam. É por isso que eles ficam trancados em uma cela em seus momentos finais. A carga de seu espírito

inquieto é difícil de viver. —A mão de Rigel apertou sua perna. —Sinto muito, mas acho que você foi impressa com as memórias do scylla.

—Scylla? —Lyra se sentou de novo. —Aquela criatura era um... Ele me pediu para levá-lo para o oceano. Se eu o tivesse levado à água. —Ela cobriu a boca com horror. —Essa coisa matou minha família?

—Há muitos scyllas, mas sim, foi esse quem matou a sua família. —Rigel passou os dedos sobre ela enquanto a alcançava, mas ela se afastou de seu aperto.

—Você o chamou Nemus. —Lyra chegou a sentir o rosto de Rigel na escuridão. —Você o conhecia pelo nome?

—Conhecia. —Rigel enrijeceu sob seus dedos. —Eu o conhecia há muito tempo, antes que ele estivesse perdido no oceano, quando ele era como eu, um Merr. Ele deixou o nosso mundo em busca de uma existência melhor. Em vez disso, ele encontrou o nada no oceano.

—É por isso que você se sente obrigado a caçá-los. Eles são o seu próprio povo. —Lyra levantou-se da cama, conseguindo colocar mais espaço entre eles enquanto tentava compreender o que tinha acontecido. Suas pernas oscilaram quando seus pés tocaram o chão. —Eu o sinto dentro da minha cabeça. —Ela agarrou seu cabelo, puxando-o para longe de seu couro cabeludo, como se isso acabasse com o tormento da existência fria e aquosa em seus sonhos. —Ele estava tão sozinho e perdido. Ele só queria encontrar algo para se segurar, mas não podia. Ele continuou procurando o navio, tentando agarrá-lo, mas toda vez que ele se chocava com ele, seu corpo se despedaçava e ele tentava novamente. Ele não sabia o que estava fazendo. Eu entendo isso, mas depois vejo minha família. Vejo aquelas pessoas caindo do navio... —Ela não podia continuar quando sua voz se quebrou.

Lyra respirou pesadamente. Ela queria odiar a criatura, mas ela entendia muito bem. Não era nada mais do que uma força da natureza. Sua família não foi assassinada. Eles foram vítimas de um desastre natural. Saber disso não facilitava o enfrentamento da perda, mas afastava seu ódio pelas criaturas do oceano.

—Há mais que eu deveria lhe dizer. —Disse Rigel. Ela ouviu a hesitação nele. Quando ela se voltou para o som de sua voz, ela viu um brilho suave onde seus olhos estavam. Era o mesmo brilho que os tinha guiado na água, quando mergulharam para baixo do oceano. —Nemus era

meu irmão. Estive procurando por ele por séculos. Foi meu irmão que arruinou seu navio.

Lyra respirou fundo. Em seguida, outra vez. E depois outra vez. Finalmente, depois de um pensamento cuidadoso, ela disse: —Então você também perdeu alguém para o oceano. Lamento que tenha perdido um irmão, Rigel. Acho que ambos entendemos o que cada um está sentindo, hein? Não é fácil perder a família.

A cama afundou quando ele se moveu. —Parece que você não me odeia.

—Odiar você? —Ela repetiu surpresa. —Rigel, porque você acha que eu o odeio?

—Você culpa meu povo por sua família.

—Eu culpei todo mundo e tudo por minha família. Você, seu povo, meu Deus, seus deuses, o oceano, a natureza, a scylla, eu, minha família por ser marinheiros, minha mãe por não insistir para que todos ficassem sem acesso ao mar. Nenhuma culpa era justa. Eu estava tão perdida e magoada. Por favor, entenda, estou tentando. Eu sinto tanto a falta deles. Às vezes, é como se eles nem estivessem mortos. É como se eles fossem para o mar, e eu posso imaginar que eles estão lá fora, seguros em algum barco.

—Talvez estejam. Empurramos muitas pessoas para a superfície, e tentamos dirigir a corrente para a terra. Talvez tenham sido salvos.

—Talvez. —Ela repetiu, gostando da ideia. Na verdade, ela não tinha provas de que não foram salvos. —Dois barcos afundaram naquela noite. Alguém teria que notar que nenhum barco retornou. O homem que o encomendou tinha muito dinheiro. Certamente sua companhia mandou alguém investigar. Eles têm rastreamento por satélite, e o outro navio era um navio de ciência. —Ela olhou para cima, pensando no mundo da superfície. —Sim, talvez.

—Eu prometo a você, se houver uma maneira de sabermos a verdade, eu farei isto. —Rigel não parecia convencido de que ele o faria, mas ela sabia que ele tentaria.

—Rigel. Aidan estava dizendo algo sobre eu me tornar Merr, uma vez que eu me aclimatasse com o subaquático. Isso significa que eu serei capaz de nadar no oceano? Quer dizer, vou nadar como você? Como uma sereia?

Ela viu o brilho de seus olhos acenando afirmativamente.

—Então eu acho que sei uma maneira que eu posso contatá-los. Quando éramos pequenos, jogávamos um jogo onde mandávamos mensagens em uma garrafa e víamos se elas receberiam uma resposta. Às vezes, elas voltavam. Se eu puder chegar ao litoral onde costumávamos brincar, então, talvez eu pudesse deixar uma mensagem para meus irmãos. Se eles estiverem vivos, eles vão encontrá-la. E, talvez, eles possam enviar uma mensagem para mim. Posso dizer-lhes para esconder a carta no oceano onde poderíamos encontrá-la.

—Lyra, espera, para se tornar Merr você deve primeiro se afogar. Disseram-me que é doloroso e...

—Você vai estar lá embaixo comigo?

—Sim. —Disse ele.

—E você não me deixará sozinha? —Ela insistiu.

—Nunca. —Disse ele.

—Então eu vou fazer isso. Assim que voltarmos ao palácio, vou...

—Mas nós acabamos de chegar aqui. —Ele protestou. Rigel aproximou-se dela. Ela inclinou-se para frente para que pudesse encontrá-la mais facilmente na escuridão. Sua mão tocou seu quadril e ela estremeceu.

Oh, eu amo seu toque, ela pensou.

—E eu amo te tocar. —Ele respondeu.

Ela sorriu antes de enrijecer. —Do que você está falando? Eu não disse isso em voz alta.

—Não disse?

—Não, eu pensei. —Ela franziu o cenho. Assim como eu estou pensando isso agora... *eu realmente sinto falta de cachorro-quente.*

—O que é um cachorro-quente?

Ela ofegou. —Há quanto tempo você está na minha cabeça? Quero dizer, oh... —De repente, ela pensou em todas as coisas perversamente deliciosas que ela tinha imaginado com ele, durante seu tempo juntos. Então

ela tentou não pensar em todas aquelas coisas perversamente deliciosas, mas ao fazê-lo, pensou em mais.

—Eu também te amo, Lyra. E sim, eu ficaria honrado em me juntar a você como seu marido.

—Eu não pensei isso! —Ela disse em protesto. Embora as palavras lhe dessem prazer, não conseguia entender o que estava acontecendo.

—O fato de que eu posso ouvir você e você me ouvir, é prova suficiente de que é o que você quer. Estamos unidos, Lyra. Você é minha e eu sou seu.

—Você pensou isso ou disse isso? —Ela perguntou confusa. Então, balançando a cabeça, ela acrescentou: —Não, não responda. Não pense em nada. Não diga nada. Sente-se lá.

A imagem de seu corpo nu brilhou através dela, e ela sentiu uma forte agitação de desejo. Não podia dizer se era dele ou dela. A força disso a fez soltar um leve suspiro de prazer e necessidade. Instantaneamente, ela se empurrou para a cama procurando por ele. Ele já estava nu, e ela tirou vantagem. Suas mãos moviam-se ao longo de sua pele. Ela amava a sensação dele, o cheiro, o calor, as sensações de formigamento que irrompiam onde quer que o tocasse. Suas mãos estavam em desvantagem quando encontraram com sua roupa. Ele as puxou com impaciência, rasgando o tecido delicado em sua pressa para tirá-lo dela.

Ele a virou de costas, prendendo-a com seu peso. Suas mãos massageavam seus seios, atingindo os mamilos enquanto seguia para baixo. Suas pernas se separaram naturalmente para poder escorregar entre elas. Já estava molhada, pronta. Os pensamentos de Rigel entraram nela em uma série de sensações aleatórias – seios macios, cheiro doce, pau duro, pronto para ser coberto.

—Eu te amo. —Ela sussurrou, enquanto seu pênis encontrou a entrada de seu sexo. —Eu quero estar com você. Para sempre, Rigel.

—Eu sei. —Ele empurrou para frente, enchendo-a completamente. Ela gemeu, fechando os olhos. —Porque você não tem outra escolha. Se você dissesse o contrário, eu simplesmente gastaria todo o tempo para convencer você.

Antes que ela pudesse responder, ele se afastou e empurrou novamente. Seus corpos tornaram-se um frenesi de movimento. Ela agarrou seus ombros. Suas mãos a fixaram no lugar enquanto ele pressionava o colchão ao lado dela. Seus lábios moldaram aos dela beijando-a profundamente. Quadril impulsionando para frente, levando-a forte, profundo e rápido. Seus corpos saltaram. Seus seios balançaram, os mamilos roçavam seu peito. Ele pegou sua perna, enganchando-a com o cotovelo para levantá-la em seu ombro. Ele deve ter ouvido o pensamento, porque era exatamente a posição que ela queria.

O prazer era muito intenso para resistir. Tremores irromperam como uma erupção de calor, jorrando sobre ela em ondas quentes enquanto ele entrava em seu corpo. Se juntando ao seu clímax, intensificado por sua conexão. Ainda estava tremendo quando terminou. Ele deslizou seu pau dela, e rolou para o lado em uma feliz exaustão.

—Uau. —Ela sussurrou. —Isso foi... Uau.

—Me dê um momento. Assim que eu me recuperar, vou te surpreender novamente. —Ele tocou sua coxa perto de seu sexo. Seu dedo se ergueu para traçar uma linha sobre sua vagina. Seus quadris se sacudiram em resposta e ele riu.

—Talvez possamos esperar alguns dias antes de voltar para o palácio. —Disse ela. —Não há necessidade de sair correndo da cama tão rápido.

—Alguns dias?

—Talvez mais. Vamos ver quanto tempo você pode durar, caçador. — Ela pegou seu pau semiereto e começou a esfregá-lo enquanto ele a esfregava. Então, empurrando-se para cima, moveu-se para montar sua cintura. Ela deslizou sua vagina ao longo de seu peito até que ela estava inclinada sobre seu pênis. Ela tomou seu pau em sua boca e começou a chupar gentilmente. Ela o mexia entre seus lábios. Ele ofegou e começou a se contorcer sob ela. Ela empurrou seu sexo em direção ao seu rosto, esperando que ele aproveitasse. Ele o fez, agarrando sua bunda e puxando sua boceta apertada em sua boca enquanto ele começava a lamber e chupar seu clitóris.

Seu pau cresceu em sua boca a plena capacidade enquanto ela o chupava. Ela arrastou os dentes pelo eixo mordiscando a ponta. Ela provocou o comprimento dele antes de manobrar com suas mãos em torno

da base e bolas. Com um gemido, ela começou a chupar mais forte, puxando-o como uma criança teimosa recusando-se a dar-lhe a bebida que ela queria.

Tensão construiu em seu estômago. De repente, ele explodiu entre seus lábios. Lyra bebeu sua essência quando ele gozou em sua boca.

—Uau. —Ele sussurrou, quando ela desabou ao lado dele. Ela ligeiramente beliscou sua perna ao lado de sua cabeça. Sua mão envolveu sua panturrilha, segurando sua perna perto de seu peito. —Gostei muito disso.

—Eu sei. —Ela riu, fechando os olhos. Seu corpo estava relaxado, e ela não lutou contra a névoa de sono que sentia. E, quando os restos finais da vigília a deixaram, ela ouviu seu pensamento sussurrando em sua cabeça, *eu te amo, Lyra, só você, para sempre...*

Epílogo

Dois anos depois...

As mãos de Lyra tremiam enquanto olhava para a caixa hermética de metal. Tinha sido afundada na água exatamente onde ela tinha especificado em sua carta para sua família. Mais de um ano se passara desde que ela jogara a caixa na praia, esperando que um de seus irmãos a encontrasse. Ela quase não ousava esperar que esse dia chegasse.

—Você gostaria que eu abrisse para você? —Rigel perguntou. Ele se sentou ao lado dela no sofá do apartamento do palácio.

As mãos de Lyra tremiam demais e ela assentiu.

Rigel inclinou-se e começou a abrir as laterais. Tinha a transportado de sua última caçada, levando-a diretamente para ela. Na verdade, ele estava tão fresco do oceano que seus cabelos ainda estavam molhados, e ele cheirava a sal. Deu algum trabalho, mas finalmente o trinco soltou da tampa, e ele foi capaz de levantar o pedaço de metal pesado. Enfiando um dedo dentro da caixa, encontrou um papel enrolado e tirou uma carta. Sem tentar lê-la, ele entregou a ela.

Lyra olhou de relance para a caixa. O plástico grosso envolvia vários itens da superfície. Ela lentamente desenrolou a mensagem e soltou uma respiração profunda. —É de Jackson. Ele está vivo.

Rigel inclinou-se sobre ela, passando o braço atrás das costas. Ela naturalmente se aconchegou contra seu lado.

Enquanto examinava a carta para receber notícias de sua família, ela disse: —Um navio o pegou três dias depois do naufrágio. Ele estava flutuando com Kristopher, num pedaço de madeira flutuante. Rocky e Winston foram resgatados cerca de uma semana depois. Rocky passou um ano no hospital por causa de algumas lesões, e Winston perdeu parte de sua perna, mas ambos ainda estão vivos. Meu pai se retirou do mar. Ele vive em uma praia no Noroeste dos Estados Unidos. Após a exposição do sol nas ondas, ele teve alguns problemas devido à desidratação severa, mas ele

nunca se queixa. —Lyra levantou a vista da carta. —Eu não posso acreditar que todos eles conseguiram. Eu esperava que um deles... mas todos?

—Esta é uma notícia muito boa. Os caçadores celebrarão a boa fortuna. —De repente, o sorriso de Rigel caiu. —Você gostaria de ter ficado na superfície com os outros? Você teria sido resgatada com sua família. Você estaria no mundo superficial.

Lyra baixou a carta. —Sinto falta da minha família, e não posso dizer o quanto significa para mim ouvir que eles estão bem, mas eu nunca me arrependo de ter vindo para ficar com você, Rigel. Eu te amo. Isso não mudou. Você é uma parte de mim como minha própria alma. Éramos destinados. Eu não sei se foram os deuses, ou alguma força mística, ou mesmo um acidente milagroso que me trouxe aqui para baixo, para você, mas eu sei que é como deveria ser. Você é meu coração, Rigel. Nunca esqueça.

—E você é o meu. —Disse ele.

—Além disso, Bridget está ocupada analisando aquelas algas que encontrou. Ela acha que está perto de descobrir como as Olímpicas se elevam à superfície e respiram o ar. Talvez um dia os veja novamente. —Ela tocou levemente sua perna. —Não acreditarão nas minhas barbatanas.

—Eu me pergunto se o mundo da superfície nos daria boas-vindas. —Ele pensou, olhando para cima.

Lyra não tinha coragem de dizer-lhe o que o mundo superficial faria com um homem Merr, se apanhassem um.

—Então, seria muito ruim, não é? —Perguntou.

—Fique fora dos meus pensamentos, marido. Tivemos essa conversa.

—E, no entanto, parece que me lembro de ter visto imagens nuas da minha esposa enviada para mim enquanto eu estava nadando. —Ele riu.

Lyra alcançou dentro da caixa e puxou um dos pacotes. Eram revistas. Ela as entregou a Rigel. —Aidan vai gostar disso.

Rigel as colocou de lado, movendo-se para colocar as mãos na cintura. —Estou aflito. Agora que sabemos que sua família está segura, podemos primeiro atender...

—Ah! Ele me mandou um pacote selado de cachorros-quentes! — Lyra exclamou, provocando. Ela puxou a comida e sorriu.

Rigel os agarrou e os deixou cair na caixa com o cenho franzido. —Minha mulher não precisa...

—É um alimento. —Ela riu. Então, estendendo a mão para o seu eixo duro, ela acrescentou: —Eu tenho todo o homem que eu preciso aqui.

—Bom. —Rigel levantou, levando-a em seus braços com ele, e a levou para o chuveiro. —Agora eu acho que você prometeu me banhar.

—Eu não prometi isso. —Ela não lutou contra seu abraço.

—Lembro-me muito bem dos detalhes. Num momento eu estou vendo uma lula, no seguinte minha esposa encantadora está na minha cabeça imaginando me ensaboar.

—Oh, essa promessa. —Ela gemeu, enquanto ele lhe enviava uma imagem deliciosamente perversa. —Suponho que haja tempo para sua aflição. —Ela acariciou sua garganta e se tornou séria. —Estou muito feliz por você estar em casa. Senti sua falta.

—Como eu, Lyra. Eu carreguei você em meu coração durante toda a viagem.

Ela beijou seu pescoço, suspirando de felicidade. —E eu o carrego sempre no meu.

FIM



Grupo Rhealeza Traduções